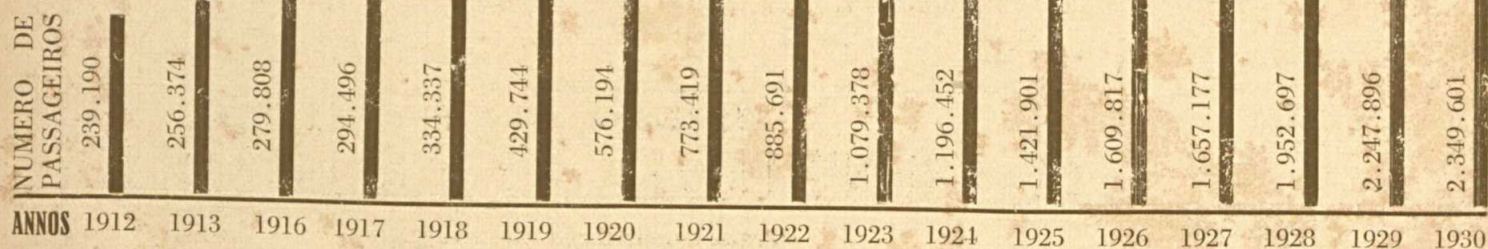
A CIGARRA
ANNO XV
Nº. 41
PREÇO 1

Numero de passageiros transportados annualmente pelo bond de SANTO AMARO desde o anno de 1912, em que essa linha foi electrificada

TORNE-SE PROPRIETARIO DE UM TERRENO NA ZONA

SÃO PAULO - SANTO AMARO

Correspondencia dos leitores

PARA RADIO-TELEGRAFISTA

Agradeço-lhe a gentilesa que teve para comigo, respondendo ao que perguntei a respeito de minha amiguinha Alcinda Ferrari.

Peço-lhe o obsequio de me enviar o numero da residencia de minha amiga, e desejo saber noticias mais detalhadas a respeito do desastre a que me fez conhecedora. Espero resposta. Escreva-me para: Rua José Bonifacio — 118, Tatuí. — *M. M.*

TATUI

Leilão de riquissimas prendas... A querida "Cigarra" deverá aproveital-o, e ficar com algumas.

...Os lindos olhos de Berta; os dentes de Elena B.; os cabelos de Mariinha C.; o sorriso de Lazinha; as mãozinhas de Nely; o andar ligeiro de Fadua; as gargalhadas de Babéi; o orgulho de Eny; a amisade de Célia R. e Rosinha; os "flirts" de Mercedes; a sinceridade da Dedé...

II

...os sapatinhos de Maria José Comolo; a elegancia de Helena C.; a eterna melancolia de Elena L.; a linda tez de Lina L.; a magresa de Dirce L.; as gracinhas de Titite; a seriedade de Olga G. B.; a sapequice de Ondina A.; as correrias de Elena S.; o namoro de Vicentina B.; os tombos de Lili V. Nova, no "rink"; os longos cabelos de Lili Fiusa;

III

...a simpatia de José Celso Melo; o chapeu do Antoninho P. A.; o bigodinho do Ary; a altura do João Ferraz; o fanatismo que os "Tres Mosqueteiros" têm pelos bailes: Ito, José Carlos e Orlando; o risinho sardonico do Ti; a seriedade do Carlos V.; o chapeu de "aba larga" do Celso V.; o desaparecimento do Arnaldo e finalmente as minhas indiscreções... — *Estudante da Capital.*

A. M. — B. A.

I

Querido, querido, querido! Sinto-te, nos meus dedos, no meu cerebro, no meu coração como um balsamo consolador que pousa em ardente ferida

Teu olhar, teus gestos suaves encantam minha vida e o teu beijo tem o sabor das fructas maduras e perfumadas que dão a alegria de viver!

Oh! a coordenação de tudo isso é uma rêde macia e embaladora! Como eu quero passar horas e horas nesses momentos sublimes. Como a minha vida ficou bonita!

II

Que sol ardente e aquecedor! Que delicia o amor!

intensidade assombrosa, com o sangue escaldante nas veias moças, a pelle reluzente e cheia de vida, a plantinha fragil enroscando-se no tronco altivo e protector do teu peito forte e o teu coração, meu amor, numa harmonia cantante, vibrando, vibrando e eu recebendo essa vibração em unisono e meu coração pulando dentro do peito como menino travesso!

Que bôa vida.

Beijo-te com todo o meu amor, meu principe querido! Desperta! — *Princeza Azul.*

R. S. P. N. O. A. A.

AOS LEITORES DA "A CIGARRA"

Desejando collaborar tambem na "A Cigarra" peço aos gentis collaboradores da mesma um pouco de bondade para esta que teve tanta ousadia em aborrecel-os com sua falta de intelligencia e de espirito.

Quem quer ser meu amiguinho?

Sou feia, mas dizem, sou muito boazinha e para os meus amiguinhos quero ser ainda mais. — Meu "pseu", *Papoula.*

ANNO-NOVO

A' querida rainha dos Collaboradores S. M. D. Alma Leda; ás distinctas amiguinhas Missy, Rouxinol de Tranças, Terka, Desventurada; aos distinctos amigos Capitaine, Le Danger, Cavalheiro Pardaillan, Ben-Hur, Cléo; a todos que collaboram nestas columnas; e á administração desta sempre apreciada revista — desejo o mais feliz Anno-Novo. — *Maramonys*

MISSY

Porque não respondeste? Então és tu mesma? Espero uma resposta qualquer: por estas columnas, para a redacção, ou, se fôres a Fanny, no Asturias. Tire-me essa illusão, Missy. Porque isso tudo é uma illusão, eu bem o sei.

Cléo, moi-même: — Aprecio as amizades de finos caçoistas como você mesmo, Cléo. Quer ser meu amigo? — *Maramonys*

Todas as minhas horas parecem rosas de uma setinosidade incomparavel, transbordando de fragrancia e perfume que embellezam a vida!

Mesmo Santa Therezinha adóra as rosas e a essa Meiga Santinha entreguei meu destino para Ella guiar.

Meu amor é meigo como um perfume de violeta.

Meu amor tem olhos tão brilhantes como noites de luar.

Aquelles frizos acinzentados, coroando aquellas pupillas castanhas e reluzentes: que expressão formidave, que doçura louca e acariciante.

III

O poder de um olhar assim, n'um dia assim, ambos unidos n'um abraço vulcanico e o mundo será pequenino a nossos pés!

O amor, o gesto, a suavidade, a meiguice da voz, a doçura de um beijo comprido, ardente, faiscando nelle o universo, todas as emoções, todo o repouso das esperanças novas, toda a vibratilidade dos nervos fortes, todo o calor de um amor sincero, concreto, interminavel e a vida rodando n'uma

SULAMITA

Immensamente grato pela tua resposta. Não mereço tanto, porém me consolo e me conformo. Nós precisamos receber a vida do geito que ella vem. Mas, digo aqui a você, francamente, que no meu intimo continuarei amar-te e a soffrer por ti. Adeus, flôr. Do teu admirador — *Alhambra.*

PHARMACOLANDA

Quer ser minha amiguinha. Se achar conveniente me responda por carta ou pela "Cigarra". O prazer será todo meu. Faço questão de ter archivado no meu cofre de lembranças um dos teus lindos escriptos. Grato. — *Pessimista*

FELICITANDO

Rizette: — Do recondito de meu coração envio-lhe sinceramente meus votos de felicidade no decorrer do novo anno. Samaritana: — Desejo-lhe toda felicidade e que vença brilhantemente a nova etapa que vamos iniciar. Nem queiram saber: — Que o proximo anno lhe seja mais risonho e um balsamo ao seu coraçãozinho sonhador e triste. Poupée: — Gentilissima creaturinha. Almejo-lhe um anno venturoso. — *Cysne*

A' ALGUEM DISTANTE

A. R. — Chegou ao meu conhecimento que, você está com um noivado arrumado. Pois só o que eu te peço é que eu jámais esquecerei de você. E desejo que toda felicidade seja pouca para você. Adeus. — *Ben-Hur*

REVERENDO

Quem sabe, Reverendo, o mundo dá tantas voltas... Você ainda será feliz e alegre; ainda existem almas carinhosas, compassivas e meigas... Então, você não escreverá mais "Paginas tristes", pois haverá, para sua alegria e felicidade, um sorriso e um olhar de uma creatura que ha de o amar ardentemente...
Sua amiguinha — *Troika.*

FATA MORGANA

Aqui está o companheiro ideal do teu coração, que saberá corresponder a um amor sincero. Olhos verdes e cabellos castanhos, 1,72, pratico o esporte no "C. R. T." e gosto de bailes. Serei, porventura, o heróe que procuras?
Peço-te responder por carta para a redacção, que irei procural-a cinco dias após á publicação desta. — *Rocambole.*

A TODOS

Sou antigo collaborador desta revista predilecta. Desejando pertencer novamente ao rol de tão gentis adeptos da "Cigarra", fico ao dispor de todos que desejarem manter correspondencia commigo.
Na espectativa de que os amiguinhos não se esquivarão da minha insignificante amizade, eu vol-a offereço. — Flôr de Maio: — Com outro pseu, tivemos correspondencia. — *Rocambole.*

LEITORA...

Meu coração, extremamente desditoso, procura amores e amizades, para esquecer as maguas désta vida.
Sou rapaz moreno, de dezenóve annos, altura regular, cabellos e ólhos castanhos. Sou sympathico, segundo dizem. Tóco divinamente sino, vitróla e... os credores. Sou um grande escriptor, meus livros são vendidos aos barbeiros.
Sirvo-lhe? Quér corresponder? Responda. — *H. Lópe.*

A TODOS OS AMIGUINHOS...

Desejo felicidades para o anno de 1932.
Tamoya: — As cartas estão formidaveis, principalmente a do Portuguez. Hontem, depois que você sahiu, soube de uma historia muito complicada, a respeito da nossa gentil vizinha...
Beijos da amiguinha — *Troika.*

BELISCÕES

Escravo Liberto: — Se acceito sua amizade? Oh! quanto tempo suspirei por ella... Escreva-me. Alma Lêda: — Acceite um beijinho estaladinho, sim? Miss Terio: — Meus agradecimentos. Disponha. Sonhador e Estrella D'alva: — Procurem carta. Sereno: — Quer ser meu camaradinha? Quanto ás desculpas, é com P. Q. Tita, menino adoravel. Ben-Hur: — Um abraço quebra-costellas em prova de reconhecimento. — *P. Q. Tita.*

MULUNGÚ

I

Lendo o teu artigo no numero passado, tomei a liberdade de responder.
Meu perfil é o seguinte: morena, cabellos e olhos castanhos, 1m.60 de altura, estudante. Tambem não gosto de bailes e pouco frequento cinemas. Quanto a patinar, eu tambem pratico este esporte. Não faço questão de riqueza, e sim de caracter. Se te agradar,

II

escreve para a redacção e dá-me tuas iniciaes.

Escravo Liberto: — Estou verdadeiramente encantada com tua amabilidade. Acceito de coração a tua "mais branca flor", offerecendo-te, ao mesmo tempo, a minha amizade, que é, como a tua, repleta de gratidão. Podes considerar-me tua sincera amiguinha.
Ivan, o triste: — Bondoso collega; aqui tens uma amiguinha ás ordens. — *Estrella d'Alva.*

CONVERSANDO

Collar de Pérolas: — Tu quéres que eu seja teu amiguinho? Pois serei, meu anjo... e hei de ser bem sincéro, embora muito triste. Se tu quiséres, quem sabe, serei "muito" teu amiguinho... porque eu já andava sonhando sobre o teu nome, sem coragem de pedir a tua amizade! E tu viéste pedir a minha! (Coisas do Destino!) Tens a minha amizade. — *Reverendo*

MAUPIA

Sciente dos dizeres de sua "cartinha" de 4-12-31, a qual me causou grande extranheza, pergunto-lhe: a senhorinha não apreciou a minha franqueza?!
Se me escreveu aquillo, com a simples intenção de não manter mais correspondencia commigo, seja sincera e franca, dizendo-me a verdade...
Disse-me, que era minha amiguinha sincera...
Então, próve, que é!! — *Empregado no Commercio.*

SAUDE
(Cravo)

Lembras-te linda morena... — Aquella noite em que meu — Amor te consagrei?... — Que lindo luar fazia, — Quando um cravo te roubei...
Mas um dia, ao conhecer — Mentira no teu amor, — Com odio desfiz o cravo — Não quiz por ti mais soffrer! — Não mais quiz ser teu escravo... — *Affonsito.*

SOROR BEATRIZ

Procure carta na redacção d'"A Cigarra". — *Theophanes.*

ROSARIO E REVERENDO

Ignoro por que V., Rosario, tomou o Reverendo como sendo o Inverno, pois eu não escrevo coisas tão bonitas como aquelle cidadão que tem um nome tão respeitavel.
E, justamente, por não poder arrancar das trevas de meu cerebro as luzes dos artigos com que o Reverendo vem deliciando as pequenas bonitas desta secção, era de meu dever dizer-lhe que o Reverendo não póde ser o Inverno.
Reverendo: Fez bem affirmar (mas devia ser com mais convicção) á Rosario que V. não é o — *Inverno.*

FERNANDA

V. deve ser linda ou deve ser muito feia, para ser assim tão odiada e tão amada. Ao redor de seu nome, fervilham, aqui, nesta secção, as mais loucas paixões, os mais acirrados odios. A vida é assim, Fernanda. A principio, amor: depois, odio... Quer permittir-me que eu, tambem, como os outros, venha amal-a, para depois a odiar?... — *Inverno.*

AOS FREQUENTADORES DO CINE ASTURIAS

Alerta amiguinhos! A começar do proximo domingo irei dar inicio ás minhas sensacionaes espionagens, publicando na "Cigarra", todas as anormalidades que me forem possivel vêr nas matinées do Asturias.
Estarei sempre de "olho vivo"; por isso recommendo o maximo comportamento. — *Karéka.*

CONSOLAÇÃO

Ora viva!... nunca pensei que neste bairro tivessemos uma Mona Maris, um "Rodolfio dos Valentinios", um John Gilbert, e um numero "forme-unico" de jovens que se julgam parecidos com certos "astros" e "estrellas" americanos... Deixem de convencimentos. Interessante... ninguem "se acha" parecido com Ben Turpin... — *Karéka.*

— *Qual é mais importante, o sol ou a lua? pergunta o professor.*
— *A lua, responde o menino.*
— *Porque?*
— *Porque a lua vem á noite quando está escuro; ao passo que o sol...*

TAMOYA

Se va el año murir!...
Como las flores del verano. Se muere e el perfume vive en las flores que nascem. Assi el año se va repetir todas las cosas boas. Yo quiero pedir para usted que sea sempre e mucho mi amiga!...
Inverno: — Yo pienso que el dolor nos purifica.
Diogenes: — Assi es la vida. Adios.
Rosario: — Usted escrebio? — *Meiga Flavita*

———

— *Não se incommode de vir acompanhar-me até a porta, sra. d. Rita.*
— *Não me incommoda nada sra. d. Leonor; tenho até muito prazer nisso, póde acreditar.*

———

PARA USTED, — M...

Calle la noche... La luna muy blanca brilhando sobre la tierra. Yo recuerdo usted... em mi alma su amor deja um perfume acre de jasmin.
Mintras hay tu amor en mi corazon habia um grand sol de felicidad em mi alma melancolica y triste,... ahora passaria feliz todos mis dias cantando para usted todas las canciones de mi amor, de nuestro amor. Recuerdos de — *Meiga Flavita.*

AO ESCRAVO LIBERTO

"A mulher ama porque é lei de todos os corações: Amar!"
Agrada-te a resposta? — *Mary.*

AO ESCRAVO LIBERTO

Ao que parece, você "libertou-se" do "fingimento"... Está disponivel? Garanto que não sei "fingir". Minha "resposta" é uma prova. — *Mary.*

RAPAZ

Procura-se um rapaz sincero, sympathico, que goste de cinema, de patinação, para ser companheiro de uma jovem que se acha muito sosinha. Perfil: não é feia, não é morena, tem 1,60 de altura e gosta immensamente de alegrias. Está muito anciosa a — *Chairmaine.*

PARA

I

Ivan, o triste: — Tambem perdi o meu amor. E com elle perdi o meu primeiro sonho de mulher. Hoje, com os olhos postos ao longe, indago os segredos de meu futuro, que, ao envez de ser acalentado por um amor feliz, está sendo destruido pelo desengano. Emfim... foi tudo um sonho.

II

Depois a realidade foi cruel. Soffri, tambem, muitas torturas. Como você, tenho poucas conhecidas. Quem sabe si não poderei ser a companheira que você procura? Si quizer, estarei ás ordens.

Sonhador Desilludido: — Muitissimo agradecda. Pode contar com a maxima sinceridade da — *Tristonha Enigmatica.*

S. MANUEL
(Bolo azedo)

250 grs. da belleza da A. Padovan; 550 grs. da gordura da A. Tomazetti; 350 grs. da sapequice da G. Espindola; 160 grs. da pôse da I. Menochi; 450 grs. do pedantismo da M. C. Lima; 260 grs. do orgulho da L. Raffaneli; 150 grs. do andar da D. Padovan; 350 grs. do cabello da G. Lincoln; 370 grs. do olhar da W. Gomes; 230 grs. do convencimento de N. Da Rios. — *Phantasma da Opera.*

"BOUQUET"

A. Pupo — uma margarida; Zéza — um amor perfeito; Helena M. C. — um lyrio; Zélma — um myosotis; Tita — uma hortencia; Helena T. — uma violeta; Annita — um cravo; Lucilla — uma papoula; Ruth — uma rosa; Noemia — um jacyntho; Walmira — um malvarisco. — *Phantasma da Opera.*

ESCRAVO LIBERTO

I

As mulheres amam porque ellas precisam dar a alguem toda a ternura que accumulam no coração. Sentimos a necessidade de nos dedicar e de soffrer por esse alguem que é ou será o senhor dos nossos pensamentos e dos nossos corações. Amamos porque temos e queremos viver, e sem o amor não se vive porque elle é a Vida.

II

Mas, quando alguma cousa nos afasta daquelle a quem amamos, então fingimos amor por outro, porque queremos esquecer, porque queremos nos vingar e principalmente porque queremos illudir a nós mesmas. Queremos nos convencer que amamos novamente... Que illusão!

Já sabe agora, meu amigo, porque a mulher ama e porque finge. Esta satisfeita a sua curiosidade? — *Andregastia.*

S. MANUEL
(Bolo batuta)

I

1 kilo do moreno da Aida, 1/2 kilo do bigodinho do Chiquinho L., 500 grs. das pernas da Zelma, 3 colheres da paixão do Yôyô, 100 grs. do enjôo da A. Padovani; 2 kilos da gordura do Waldemar, 200 grs. da sympathia de Cidú L.; 600 grs. da pose do Tenentinho, 8 colheres bem cheias da

II

delicadeza da A. Pupo, 600 grs. das conquistas de Oscar C.; 2 kilos do vestido curto de Nancy L., 3 colheres transbordando da sympathia do Vilella; bate-se bem e juntam-se 3 kilos da paixão da Walmyra G., a mesma porção do convencimento do Mauro Sampaio, 400 grs. da camaradagem da Anna Plese, 150 grs. das saudades, do dr. Adalberto,

III

800 grs. da bondade de H. Teixeira, 3 kilos da estatura da Tita, 2 colheres da amabilidade do Rubens S., 600 grs. da piratagem do Geraldo B., 2 colheres da sapéquice da Noemia M., 300 grs. da pose da L. Rafanelli.

Unta-se a forma com a gordura da Ruths Meira, perfuma-se, com algumas gotas do sorriso da Clarice,

IV

depois de assado, pulveriza-se com a bondade do Florindo.

Offerece-se ao sr. redactor d'"A Cigarra", pelas mãos de O. Lara, regado pelos olhares da Zéza. — *Mademoiselle Tico-Taco.*

PRINCIPE DESAPPARECIDO
(A. M. — B. A.)

I

O que poderá V. dar á jovem que o amar sinceramente?

V. é um desses homens que tudo dão e nada pedem?

Ou V. é um desses homens que tudo pedem e nada dão?

V. é um passaro livre?

V. conta grande numero de "pequenas"?

V. tem coragem de confessar que me ama?

II

Você prefere uma jovem livre ou um "bibelot" guardado n'uma caixa de ouro?

Qual das duas prefere?

Você terá paciencia de aturar uma creatura que vive sonhando?

Para Você quaes são as "filigranas" do amor?

Gosto muito de Você e o que diz a isto?

Qual a mulher que poderá prendel-o?

Pode responder á redacção da "Cigarra". — *Princeza Azul.*

PRINCIPE DESAPPARECIDO
(A. M. — B. A.)

I

Meu sonho com Você

— ...Como vae passando, meu amor?

— Oh! Não queira saber, meu querido; estou ha dias soffrendo de "roxismo", que poderia significar esse estado mórbido que o sonho costuma anesthesiar as creaturas.

— Você é romantica?

— Oh! Não nasci para outra cousa sinão para sonhar...

— Então, nesse caso, conte-me seu sonho...

II

— Sim, meu amor, o meu delicioso tormento; as minhas horas são a delicia torturante da minha vida: o meu sonho é uma tarde de verão assim: um banco, num jardim florido e a gente num repouso incomparavel, sentindo um perfume de "nuit de Noel" e você, meu principe interessante, pertinho de mim, dizendo segredinhos ao ouvido... e eu fingindo adormecer de felicidade, na doçura inebriante do seu beijo, meu amor! — *Princeza Azul.*

— *Que noticias ha do Roberto?*

— *Quando cahiu bateu na cabeça e ficou meio tonto.*

Tanto melhor.

— *Porque?*

— *Porque antes de cahir era tonto de todo.*

APRESENTAÇÃO A'S LEITORAS

I

Quem vos escreve, assidua leitora de "A Cigarra", hoje mãe de filhos, tendo encontrado seu esposo por intermedio desta secção, onde collaborava com outro pseudonymo, deseja, como reconhecimento pela ventura conseguida, concorrer para a de outrem; a daquellas que, embora possuindo dotes moraes e de fortuna, não têm a belleza physica tão admirada e cantada pelos homens.

II

Desde menina conhece um rapaz talhado para fazer a felicidade de uma creatura naquellas condições: sympathico e bonito, estatura média, um coração de ouro, educação exemplar, intelligente, formado, trabalhador, modesto, genio optimo, de familia brasileira distinctíssima, mas cujo encaminhamento na vida depende de capital.

Ahi está. Opportunidade inédita para as amiguinhas, porque o retrato é fidedigno, fructo de convivio longo (de annos)

III

com o seu apresentado, que merece ser feliz e fará incontestavelmente a felicidade da que se candidatar para sua esposa.

Se alguem houver que, directa ou indirectamente, se interesse pelo assumpto destas linhas, solicita a gentileza de trocar correspondencia para melhores esclarecimentos. — *Fada Verde.*

CONDESSINHA D'ORIOLES

Sonhos verdes que me deram, rescendendo a alvos lyrios. Sonhos, com que ornei a primavera de minha vida, Mas... um dia, veio o verão, o outomno... e meus sonhos, que mal subsistiram a essas estações, vieram succumbir ao inverno. E os sonhos, nunca mais os vi. Meus resquicios... minhas saudades... — *Albatrós.*

DE ALBATRÓS

Alma Lêda: — Sua extrema affabilidade captivou-me. Minha amizade leva em seu bojo toda a melancolia de uma alma emotiva. Si a quizer assim... Lili ou Liliana: — Seus escriptos são can-

ticos canoros de maguas e emoções. A exaltar a sublimidade de uma saudade, Liliana! minha irmã na desventura. Marquezinha Mileza: — Dar-te-ei sinceridade, mas alegria não n'a tenho.

DESFOLHANDO...

I

Chove. As gottas cristallinas tamborillam indifferentes nos vidros das janellas. Escrevendo, eu olho ás vezes o leve e pensativo baloiçar de uma rosa que embalsama com seu perfume o ambiente tristonho do meu quarto.

Eu escrevo. Quando volto a olhar a pallida rosa, della só vejo as petalas esparsas sobre a mesa.

— Tudo na vida é asim!...

Lá fóra a chuva tamborilla indifferente nos vidros da janella. E os meus pensamentos que vão voando, attrahidos pelo ruido das aguas, vêem as illusões... o amor... e a vida seguirem com a chuva que cessa, para os mares infindos do passado. Delles só restam as petalas esparsas sobre a mesa: — a saudade de uns dias de bailado lento e perfumado sobre uma jarra bonita de esperança. — *Lindalva*

EM RESPOSTA Á UM ANNUNCIO

Caro amigo Ruy.

Francamente; gostei muitissimo da sua modestia. Apezar de não conhecel-o sinão por intermedio do annuncio publicado, supponho que o nosso "Ruysinho" seja um amiguinho muito gentil.

Li varias vezes o seu artigo. Parece incrivel!!! Um rapaz como você; com ares de poeta, — assim o creio — que deve possuir um olhar entre meigo e risonho, cheio de bondade!... Você... o "bigodinho" moreno

II

é gentil, — procurar uma amiguinha que tenha como unico dote, um coração bondoso!

Sinto muito, mas, apezar de ser pouco o que você pede, nem esse pouso, poderei com segurança offerecer-lhe. Em todo o caso... nada é impossivel! Creio que será arriscar uma recusa; submetter-me a uma prova para a qual me falta a parte principal. Mas digo: — sou franca, bastante franca,

III

se você apreciar essa qualidade, da qual bem poucos gostam, ficarei contentissima ao receber uma sua resposta.

Fiquei hoje, por pensar que eu deveria a muito tempo estar tentando ser uma menina boazinha, para agóra, não exitar em me apresentar como amiguinha do gentil poeta que a boa "Cigarra" terá posto em caminho.

Mas... quem sabe!...

Eu nunca encontrei quem me quizesse

IV

comprehender... quem quizesse analysar meus sentimentos, quem... emfim... quem descobrisse em mim uma cousa qualquer que me tornasse boazinha.

E você... creio que irá fazer um esforçozinho para ver si encontra a chave desse enigma, não é assim?

Como você não exige, não descreverei aqui o meu typo. Se esse se tornar um dos pontos necessarios, mais tarde... talvez...

Para que você não se illuda, já vou dizendo: — não sou bonita.

Caso lhe agrade, — o que não creio — disponha sempre da amiguinha — *Lindalva.*

PARA...

I

Duque Euranicbo: — A' noite, quanta saudade, — Quanta tristeza pungente! — Diga-me si é verdade, — Tudo que escreves, tu sentes? — Linda flor é a saudade — E a lembrança luz fulgente — Ainda é maior a saudade — De quem se lembra da gente.

II

Escravo Liberto: — Sim, a mulher ama, porque nasce em seu coração um sentimento puro e uma afeição sincera. Fingem, quando são hipocritas ou interesseiras.

III

Yolanda Lisa: — Recebi tua amavel cartinha. Peço-te desculpas pela demora, bréve responderei.

IV

A todos: — Desejo boas festas e feliz entrada de Anno Novo.

A' "Cigarra": — Desejo muitas felicidades e que se reproduza sempre, com longos annos de vida. — *Coração Triste.*

DUQUEZA DE GUISE

— Jeu lêo mais de zinguenta veis o seo gurrisbundencia brá ieu. Jeu está bustante triste barquê está muinta lunge da San Baulo. O mêo luja dai abriu o fullencia. Jeu agura teim um luja brá u Riu do Janêra. Jeu bai bégá fuogo nu luja daqui, e vultá brá San Baulo ôtra veis.

Do amiguinio au disbór — *Salim Simão.*

PARA...

Leonama — Sim, você póde contar desde já com minha amizade "sincera"! Agora... uma pergunta... Posso chamal-o amiguinho... ou amiguinha?

Leda Sylvia — Espero que você cumpra (e... logo!) o que prometteu... Sigo para o interior por estes dias. Querida: lembre-se que eu lhe quero muito bm!

Guy — Ainda tenho esperança de receber resposta... (*Ella...*)

Barbaro — Não seria melhor uma correspondencia directa?... — *Barbara.*

RUBENS

I

Por favor não me peça o impossivel, bem sabe que os desejos de meus amigos são ordens para mim... Desta vez não posso atendel-o. Diz-me: "Perdôa e esquece". Perdoar, já perdoei, era meu dever de Cristã, mas esquecer...

Nunca! Ainda resoam-me aos ouvidos as duras palavras envoltas num ironismo... e que cinismo; que tive de ouvir por causa de...

II

...sua mana. Ouvir e calar-me. Covardia? Não! Onde encontrar os argumentos para defender-me? Acusar outrem?... Nunca! Lia representou, o mais degradante dos papeis, julgava que me estimava tanto quanto eu a ela... Dei-lhe provas suficientes. Perdoa-lhe Pae ela...

Pelo muito que eu o estimo, peço-lhe: — Não faça Lia apparecer-me. Não desejo vel-a. Para que reavivar uma ferida? Esquecer? Nunca!!! — *Rury.*

PARA...
Herminia Bez

I

Quantas tristezas em os teus soluços! Não deve choramingar tanto, tal amor perdido, coragem Herminia, a vida passa, passam tambem os annos. E's joven ainda?, e podes encontrar um noivo que dedicar-te-á tanto amor, igual ao do teu querido paesinho, ou talvez mais...

Sei bem, quanto é triste despedir-se de uma pessoa a quem dedica-se um verdadeiro e sincero amor.

II

Meu querido papaesinho, disse-me adeus ha 3 annos, além disso, todo anno, o dia de meu anniversario, é sempre commemorado com o fallecimento da inesquecivel Olga, a quem cultivo um grande amor.

Soffri os maiores revezes desta vida, mas consegui vencer todos os obstaculos que me afrontaram.

Muitas vezes, sosinho, no meu quarto solitario, roguei a Deus

III

levar-me para junto d'Ele, pois para viver neste vale de amarguras, mergulhado nesta profunda melancolia, preferia morrer...

Agora, que acabo de encontrar, teu nome nas paginas da querida "Cigarra", oh! Herminia, não mais quero morrer, desejo conhecer-te. Queres minha amizade? (Desculpa minha audacia.)

Será que em teu seio germina mesmo, o microbio da melancolia? Será que és mesmo triste, assim como são tristes os teus soluços?

IV

(Sabes, o papel aceita tudo!) Procura não recordar o passado. Não digas nunca que estás só, existem ainda muitos corações, que poderão dedicar-te um grande amor, e fazer-te muito feliz.

Se te julgares melindrada pelo meu atrevimento, onde não fui chamado, estou pronto a estender as minhas escusas, e pedir mil desculpas. — *Elle Ge.*

PARA A. ZAPPAROLI
29-12-931

E' nesse dia, querida Lila, que vês surgir mais uma perola no colar de tua rosea mocidade, e por esse motivo venho apresentar-te as minhas efusivas felicitações.

Um aperto de mão e um abraço admirador da — *Airam.*

FOFO' BOLONHA

Você é admiravel!

As suas collaborações são, para mim, as mais apreciaveis.

Possue estylo sublime, de franqueza e singeleza.

Continue, distincto Fofó.

Como eu — certa — as demais leitoras da "A Cigarra" notamlhe um espirito magico que se reflecte na sua penna artistica.

Sua ardorosa admiradora — *Dorothéa.*

PRINCIPE MYSTERIOSO

Sinto-me feliz por ter encontrado o meu ideal.

Então, você quer mesmo ser meu noivo embora seja pelas paginas da CIGARRA?

Acho que ainda é cêdo para nos conhecermos pessoalmente, por isso acho que o melhor meio, será este, não concorda? — *Annie*

CINZAS

(A. S. P.)

I

Porque voltaste? Porque viéste revolver as cinzas já frias do meu coração? Sabias que o esquecimento me cobrira com a sua aza e á sombra della eu olvidára tudo, tudo...

Esquecêra a tua belleza fascinadora, esquecêra a tua imagem, esquecêra o som da tua voz dominadora, o teu olhar, a caricia das tuas mãos divinaes, o perfume

dos teus cabellos, a côr da tua tez e o ruido dos teus passos... Tudo eu olvidára, tudo eu esquecêra. Quando tú me fugiste, turvou-se-me o cerebro e o fogo do meu amor por ti consumiu o meu coração.

II

Eras bella demais, eras grande demais para mim; tinhas o throno da Belleza, o sceptro da Intelligencia, a corôa da Nobreza.

Eu tinha apenas um coração.

Baixaste, do alto do teu throno, um olhar para o pobre que apenas supplicava a esmola de te ver; estendeste para elle a tua nivea mão e para elle sorriste. Disséste ao misero que pouzasse os seus labios na fimbria do teu manto; fizéste viver no peito delle o amor fórte e indomavel de um Quasimodo, e elle sonhou com o céu. Depois... depois, partiste, deixando-o acorrentado ao ergasto do soffrimento.

III

Elle soffreu, chorou, carpiu em silencio, sem um brado de revolta, sem um gemido de dôr.

E agora, quando nada mais existia para elle, quando afinal a paz do esquecimento batêra á porta do seu coração, tú voltas, mais bella do que nunca, mais seductora do que outróra, exigindo que o seu coração, como a Phenix da lenda, renasça das proprias cinzas para tornar a soffrer!

Basta, A...! Não revolvas mais essas cinzas frias; do coração que te amou restará eternamente esse pugillo d cinzas... — *Miramar*

MINHA QUERIDA AUSENTE

Recebi o teu cartãosinho e não calculas o meu contentamento, pois pensei que tivésses esquecido de mim. Lêste a minha ultima carta no n.º 409 da CIGARRA? Quando voltarás? Responde para esta revista. — *Lucio*

MINHA NOITE DE NATAL

I

E numa noite como ésta, na Jerusalem de minha vida, os gallos alacres cantaram pelas suas vozes sonóras, e os sinos badalaram pelas boccas de bronze, e no deserto azul do céo caminhou a caravana submissa das estrellas, e na agua azul-esverdeada do mar as velas heraldicas, colleantes como cysnes, despertaram na rythmica espiritualisação de um bailado de Pavlowa, e flôres e passaros, e céos e mares, tudo despertou, tudo vibrou num mesmo sentimento collectivo, porque havia nascido de um sorriso ingenuo de mulher, o meu grande Amor, como uma creança loura, em uma noite como esta na Jerusalem de minha vida.

II

E viéram principes adolescentes de terras longinquas e fulvas, esbeltos nos seus murzelos, trazendo para meu Amor, ainda recemnascido, os presentes mais bellos da terra, lindos como as joias das deusas e ricos como o thesouro de Cresus. E viéram mulheres de perfis hellenicos como de moedas antigas, e mulheres ondulantes de Tanagra, finas, como um fio fluido de repucho, e mulheres egypcias cheirando a almiscar, olhos negros de tamaras, e trazendo numa tripode o incenso que deveria ser queimado em uma noite de verão. E viéram ciganas que não trouxeram nada, mas que tiravam a sorte que fallava em felicidade, e dançaram, cantaram e passaram. E viéram principes louros e mulhéres fidalgas, plebeus e bailadeiras. E me trouxeram presentes bellos e ricos, e outras a satisfação de um olhar. E a mulher do sorriso ingenuo e eu arrancámos de nossos peitos os nossos corações e fizemos um berço debaixo do céo estrellado de nossos sonhos onde embalámos o nosso Amor! Essa mulher e eu eramos felizes porque eramos paes de um Amor que nascia.

III

Seis dias depois, na hora em que os pastores nas montanhas não sabem mais para o que olhar, si para o rebanho das ovelhas ou si para o rebanho das estrellas, appareceram tres homens que tinham os gestos fidalgos e os olhos de santos. E trouxeram tres cofres. Num havia uma joia que nenhum homem da terra havia ainda possuido: e ra a Felicidade. Noutro havia uma corôa que todos se debatem para obter, mas quando encontram-na é como si conquistassem a morte dentro da propria vida: era a Gloria. E no outro, que era maior, mais rico e mais pesado, tinha aquillo que o homem inventou para tornar mais interessante e mais desgraçada a vida: o Thesouro. E esses tres homens que tinham os gestos fidalgos e os olhos de santos eram os tres reis magos. E deante desses cofres onde havia a Felicidade, a Gloria e o Thesouro, abracei a mulher do sorriso ingenuo, a mãe divina da creança loura do Amor.

IV

E os dias se seguiram. E o pimpolho foi crescendo, foi crescendo... Mas numa tarde, a tarde de mais triste de minha vida, como um poente de olheiras violaceas, quando a lua já havia apparecido 33 vezes no céo do nosso sonho, eu vi que uma mulher chegou ao meu lado. Era alta e magra e trazia os braços cruzados sobre o peito, onde prendia um collar de perolas brancas como lagrimas crystallizadas. Seu olhar era triste como a tristeza da tarde. Seu vestido azul e longo parecia ser feito de pedaços de almas dos homens que soffrem. E eu quasi amei aquella mulher.

V

Olhei-a muito pallido. E ella deixou na concha de minha mão uma conta de seu collar, que era feito de lagrimas. E partiu. E sobre essa lagrima eu chorei outras lagrimas, desesperadamente como uma creança. Porque ella era a Saudade. Era a annunciadora da morte do meu Amor, que havia nascido do sorriso ingenuo de uma mulher, em uma noite de Natal como esta, na Jerusalem de minha vida. E essa mulher que eu amei, mãe da creança loura de meu grande Amor, foi trahidora, entregando-o para os pharizeus do desprezo e do esquecimento, como Judas Iskariotes entregou o divino Rabbi aos pharizeus que peccaram. E o meu Amor, depois de 33 dias, foi crucificado no calvario de minha dôr. E fugiram principes louros e mulheres fidalgas, plebeus e bailadeiras.

VI

E de nada adeantaram o que haviam trazido os 3 reis magos nos cofres: Felicidade, Gloria e Thesouro. E no pé da cruz, como Maria Magdalena, apenas uma mulher desfazia as contas de seu collar feito de lagrimas. Era aquella mesma mulher que viéra a mim em uma tarde triste como a tristeza de seu olhar. Era a Saudade. A Maria Magdalena de minha vida! E passaros e flôres, e céos e mares, choravam commigo a morte do meu Amor porque a mulher na terra mais uma vez renovara a trahição de Iskariotes pela unica satisfação de ser voluvel. Quando badalarão os sinos das cathedraes Alleluia, Alleluia? Nunca mais! Alleluia!... Nunca mais!...

VII

O Amor foi grande mas a trahição foi maior. O Amor é divino mas nunca terá a gloria da ressurreição. Ressuscitar seria procurar a morte pela segunda vez na infidelidade de uma mulher.

Sinos badalae finados! Sinos, Alleluia! nunca!

E assim morreu a creança loura do Amor que havia nascido de um sorriso ingenuo de mulher, em uma noite de Natal como esta, na Jerusalem de minha vida. — 25 - 12 - 31. *Lucio*

PARA A Z.

I

Você bem sabia que eu te amava, mas não fizeste caso.

O coração não se engana, quando viéste sorridente apresentar-me as despedidas, o meu coração contrahiu-se numa grande dôr, senti que ias fugir-me para sempre.

Os dias tornavam-se enfadonhos; quando voltava á tarde, cansado, do trabalho não te achava mais para suavizar-me o cansaço.

II

Não podia supportar por mais tempo esse martyrio, instinctivamente dirigi-me á estação, fui a Santos certo de achar-te triste, arrependida e talvez com saudades...

Mas, puro engano, estavas alegre, muito alegre, nem parecias a mesma, cheguei a desconhecer-te.

Atrevi-me ainda a dizer-te, com a voz quasi abafada: "Não queres voltar á S. Paulo?" e tremulo aguardava a resposta.

III

Sempre sorrindo, me dissèste: "Mas eu estou tão bem aqui, divirto-me muito, a vida é bôa, demorarei o mais possivel" — e fallavas com tanta sinceridade que não poderia deixar de crêr.

Voltei tão desesperado, maldizia contra esse que soube roubar-me o teu coração.

E depois... depois... não direi mais nada.

Sempre teu admirador — *J.*

(SAUDE)

Bom dia, CIGARRA! Como vaes! Estava com tanta saudade de ti... Sabes que tenho algumas novidades a dar-te? Elvira anda tão preoccupada... porque será? Olga sempre occultando seu... Eliza sempre gostando do... Lady quasi fazendo as pazes com... Romeu fardado fica da... Rubens vigiando alguem. Manoel desistiu de ser cyclista... Julio queerndo arranjar outro carrinho... e eu sempre atrevida... — *Bem-te-vi.*

QUEM SERÁ?

Trôpego, alquebrado, fronte encanecida;
lembrando com saudade o tempo que passou.
Temido e venerado emquanto tenha vida,
alguem será capaz de dizer quem eu sou?

Do fórte o conselheiro, amparo do infeliz;
bálsamo de quem ama porque êle tambem amou.
Algoz, martyr, o destino assi mo quiz,
alguem será capaz de dizer quem eu sou?

Interrogação.

PARA O BRUNINHO

(Sant'Anna)

I migliori auguri per un felice e prospero Anno Nuovo. — *Sorôr Beatriz.*

PARA...

Escravo Liberto, P. Q. Tita, Theophanes, Fernanda, Ben-Hur, Alma Lêda, Condessinha D'Oriolis, Estrella D'Alva, Reverendo e todos os demais collaboradores:

Votos de paz e felicidades, auguro-vos pela entrada em o Novo Anno. Bôas Festas a todos os amiguinhos e á nossa querida CIGARRA. — *Sorôr Beatriz*

IGNEZITA

Eu fiquei com um desejo fórte de conhecer você, Ignezita. Você, que é triste. Que parece carregar n'alma toda a emoção que resta de um amor sacrificado. Que se parece com alguem que, um dia, me offertou um grande amor que eu renunciei com medo de tornar-me feliz. Mas si fôr você... não... não a quero conhecer. — *Albatroz*

CONSORCIO CLAUDINÉ-LAIZ

Immpossibilitado de ir pessoalmente cumprimentar-vos, pela realização do vosso sonho, faço-o por intermedio da CIGARRA, pedindo a Deus que cubra de bençams o amor que vos uniu.

Mario Theodoro Leite.

Nossa Secção de Charadas

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar neste numero a solução das charadas originaes para a CIGARRA.

Foi vencedora do certamen a senhorita Aracy de Almeida.

PARA...

Risonha, Maramonys, Miss-Terio, Madeixas de Ouro, Conselheiro do Amôr, Estrella D'Alva, Jorba & Cascudo, Lady Rose, Ben-Hur, Trinca de Almirantes; e a todos collaboradores e collaboradoras da CIGARRA, desejo felicidades no decorrer do anno de 1932. — *Le Danger*

BARBARA

Dizem os grandes philosophos, que, na calada da noite, quando a lua domina o espaço, espalhando os seus doces e prateados clarões, as estrellas e as flores conversam em serena paz... Porém, só quem tiver a alma pura, o coração despido de vaidade, emfim, uma creatura celeste em cujos olhos brilhe a mais candida innocencia, poderá comprehender essa linguagem mysteriosa e divina... Se assim é, eu só diviso no mundo um ente capaz dessa gloria: és tu, criança que adoro, cherubim celeste que veio á terra para ser o enlevo do — *F...* (*Barbaro*).

"EM BUSCA DE UM..."

Hoje, pela tardinha tão linda, sem distracção nenhuma, esquecida de todos em um bairro lindo das Perdizes, e lá do alto resolvi escrever para esta apreciada revista, á procura de um noivinho, que tenha os seguintes predicados: ser moreno, altura 1,60, bôa educação, bôa familia, com certo preparo, idade 25 annos, mais ou menos e que seja carinhoso, e sincero, que queira collaborar commigo por intermedio desta revista. Sou loira, altura regular, muito sincera e carinhosa, emfim uma optima dona de casa, (não quero dizer com isso que quero elogios). Se o prezado leitor corresponder a este meu pedido, ficarei agradecida. — *Magali*

R U Y

Qual é o seu desejo para collaborar para esta revista, aprecia muito? Serve uma com 17 primaveras, clara, altura regular, olhos e cabellos claros, muito carinhosa? Se achar que sou digna de algumas linhas, no proximo numero, estarei prompta a collaborar por meio desta revista, resido em São Paulo. Desde já fico agradecida. — *Arieta*

TATUHY

I

Querida CIGARRA, o Anno Bom approxima. Envio-te um lindo ramalhete, colhido neste jardim: Elena e Maria José C., duas lindas "camélias"; Lázinha, um delicado "myosotis"; Fadua, Helena e Nelly, "cravinas"; Stela, "nãome-deixes"; Ondina A., Babú, Guaraciaba, O. Moura e Yolanda R., "rosa-chorão"; Rosinha G., Célia R., Mariinha C., "cravos vermelhos"; Eny Hofman, uma orgulhosa "rosa vermelha"; Augusta e Juza, perfumadas "violetas";

II

Lili I. e Jandira, "amor de estudante"; Lina "mimosa flôr"; Vicentina B., "sempre-viva"; Lili Fiuza e Marta, "geranios"; Berta, "heliotrope"; Titite, "mosquete"; Ligia V. e Lála, "cravos amarellos"; Maria e Jovina R., "cravos brancos"; Maria Orsi, "dhalia vermelha"; Dedé e Mercêdes, "margaridas";

Com as "fitas" duma certa senhorita, prenderei o "bouquet", e darei á "Rainha dos Estudantes" para que entregue á CIGARRA. — *Jardineiro*

AOS QUE COLLABORAM...

Deixando ha um anno e tanto de escrever para a "Cigarra", após uma fatalidade que me abalou o ser, voltei a collaborar para estas columnas, agradecendo desde já aos que ainda se lembram de mim...

A Caçador de Esmeraldas, Escravo Liberto, Gilvaz, Diogenes, Wonio, Conselheiro do Amor, Mondego e a outros collaboradores offereço estas palavras, que floresceram da minha penna, num momento de tedio e de fantasia. Perdoem-me a humilde offerta e a ousadia. Mas faço-a como um preito singelo dum descipulo aos Mestres desta secção.

I

O sonho e o devaneio são gemeos da esperança. A esperança é a suave caricia que enflora a adolescencia do homem e acompanha e o revigora para a lucta asperrima da vida; e quando mesmo as illusões são já fanadas...

II

...ainda a esperança, ainda o sonho e ainda o devaneio rutilam no seu espirito, não, certamente, com as fulgurações douradas que o fizeram ver n'uma rosa vermelha um beijo lindo de mulher, mas, ao menos, com os affagos da morte, que é o epilogo dos desenganos. Aos doze, aos vinte annos, quem não suspira muitas vezes incomprehendido de...

III

...si proprio, quem não tece phantasias, quem não ama? E é ainda mesmo na velhice que a Esperança apparece rutila, ao ver nos filhos as gargalhadas da ventura, ao sorver-lhes os beijos, ao adoçar-lhes os prantos. Ninguem diga que não amou, ninguem assevere que não teve esperança, pois que a esprança é como que o primeiro vagido na vida...

IV

...Somente que ella tambem tem idade; aos doze annos, é uma Esperança vaga; aos vinte, é um sonho forte que conduz, não raro á loucura; aos trinta e dahi até á velhice, é o devaneio mais puro a reflectir-se no conforto do nosso lar, a transmittir-se aos olhos innocentes dos nossos filhos dos nosso netos, nos beijos e nos...

V

...affagos da familia. Em cada phase diverge o cantico da esperança, mas sempre ella nos acompanha e avigora o coração, mesmo quando as lagrimas crestam a face e os soluços embargam a vóz. — *D. Alvarado*

O RISO NO MUNDO

HUMORISMO INGLEZ

Um perigo para todos os hospedes do hotel — o marido ciumento de uma senhora somnambula...

(De "London Opinions", de Londres)

HUMORISMO ARGENTINO

— *Sabe que estou perdendo a memoria completamente? Isto me horroriza.*

— *Não se afflija, homem! Esqueça-se disso...*

(De "El Hogar", de Buenos Ayres)

HUMORISMO SUECO

— *E não te desappareceu o resfriado com o meu conselho de dormir com a janella do quarto aberta?*

— *Não. O que me desappareceu com isso foi a carteira...*

(De "Yart Hem", de Stockolmo)

HUMORISMO HESPANHOL

Ella — *Mario querido, prometto-te que nunca te darei o fóra...*

(De "Buen Humor", de Madrid)

HUMORISMO FRANCEZ

— *Sabes que o Fernando está no hospital?*

— *No hospital?! Mas, si ainda hontem eu o vi no dancing, bailando com uma corista de theatro...*

— *Precisamente por isso. A sua mulher tambem o viu...*

(De "Le Rire", de Paris)

HUMORISMO ITALIANO

— *Dizem que essas aguas são excellentes para o estomago.*

— *Ah, sim! E' graças a ellas que eu posso comer.*

— *Soffre do estomago, então?*

— *Não senhor. Sou o medico do balneario.*

(De "Il 420", de Florença)

HUMORISMO NORTE-AMERICANO

— *Que aconteceu ao rapaz que costumava mandar-te flores todos os dias?*

— *Casou-se com a florista.*

(De "Judge", de Nova York)

EXPEDIENTE
D'"A CIGARRA"

Redacção - Administração:
RUA JOÃO BRICCOLA N. 10
2.o Andar - (Predio Pirapitinguy)

DIRECTOR: PAULO PINTO DE CARVALHO
GERENTE: ARMANDO BERTONI

Correspondencia — A correspondencia deve ser enviada para a Caixa Postal 2874.

Recibos — Os recibos só serão validos quando assignados pelo Gerente ou pelo Director.

Assignatura — O preço da assignatura annual é de Rs. 24$000 (vinte e quatro mil réis) com porte simples e Rs. 30$000 (trinta mil réis), registrada.

Clichés — Em vista de seu grande movimento de annuncios, *A CIGARRA* não se responsabiliza por clichés que não forem procurados dentro do prazo maximo de *tres mezes.*

Agentes na Europa
E. BOURDET & CIE.
9, Rue Tronchet, PARIS
19, 21, 23, Ludgate Hill
LONDRES

Agentes na Inglaterra:
Latin-American Publicity Service Ltd.
London, 5 New Bridge Street - N. C. - 4

Succursal em Buenos Aires:
Lima & Cia., Calle Tacuari, 1542

Succursal no Rio de Janeiro
"A Ecletica", á Av. Rio Branco, 137
Caixa 5292 - Phone Central, 3246

Noticias da quinzena

O CENTENARIO DA FORÇA PUBLICA

Revestiram-se de inexcedivel brilho todas as commemorações festivas do primeiro centenario da luzida Força Publica do Estado. Quer nas cerimonias solennes, quer nas demonstrações da sua technica, tanto nos desfiles garbosos como nos torneios esportivos, ficou patente o valor, a capacidade, e o bello espirito de enthusiasmo de que sempre a brilhante milicia deu prova.

As festas culminaram na Sessão Magna, realizada no Teatro Municipal, á qual compareceram todas as autoridades federaes e estadoaes, assim como elementos do mais nitido relevo. Obedecendo a um programma escolhido, no qual tomaram parte artistas de merito e a Banda da Força Publica, o festival causou uma impressão inapagavel.

Entre as demonstrações mais interessantes, salienta-se a do Corpo de Bombeiros, com as suas exhibições espectaculares numa simulação de incendio. Os quadros esportivos da Força Publica tambem contribuiram para o exito das festas.

CONCURSO DE ROBUSTEZ INFANTIL

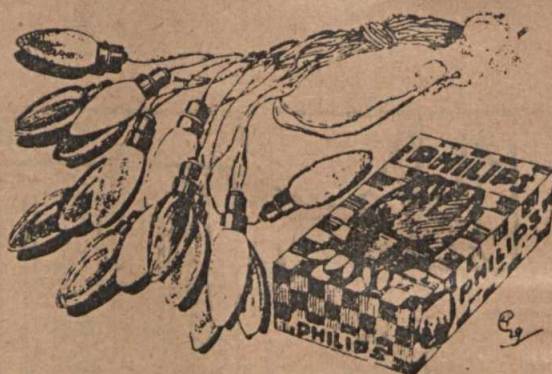
No curso da ultima quinzena, teve lugar a sessão festiva do encerramento do 1.º Concurso de Robustez Infantil, promovido pela Cruz Azul.

A cerimonia realizou-se num ambiente agradavel, conquistando a conceituada associação beneficente mais um triumpho incontestavel.

"ESCOLA, EDUCAÇÃO E MORAL"

O publicista Arthur de Macedo acaba de publicar, em elegante opusculo, a interessante conferencia que, sob o thema constante do titulo desta noticia, realizou em outubro, na séde do Circulo Esoterico da Comunhão do Pensamento. Agradecemos a gentileza da oferta de um exemplar, com que nos distinguiu o autor.

HOMENAGEM AO PROF. SUD MENUCCI

Em 28 do corrente, no Theatro Municipal, effectuou-se o brilhante festival promovido pelo Centro do Professorado Paulista em homenagem ao pedagogo e escriptor Sud Menucci, Director do Departamento de Instrucção. Todas as classes sociais adheriram á essa manifestação, que assumiu uma feição altamente sympathica e expressiva.

NUMERO 410
ANNO XVIII

DEZEMBRO 1931
2.a QUINZENA

FUNDADA POR GELASIO PIMENTA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA JOÃO BRICCOLA N. 10
2.o ANDAR - (Predio Pirapitinguy)

TELEPHONE N. 2-3471
CAIXA POSTAL N. 2874
SÃO PAULO -- BRASIL

DIRECTOR:
PAULO PINTO DE CARVALHO

A CIGARRA COMMENTA...

A superproducção de Prophetas Fala-se na superproducção de café, de trigo, de automoveis; mas, não se falou ainda da superproducção de prophetas. No emtanto, esta é a mais alarmante, a mais perigosa.

O mundo moderno está soffrendo de uma terrivel crise — o excesso de adivinhos. Pythonizas, astrologos, chiromantes, cartomantes, feiticeiros, sabios, politicos, todos querem agora predizer o futuro. Quasi toda gente se esquece de viver a hora presente na ansia de adivinhar de que modo irá viver amanhã. E quando chegar esse amanhã... pensará no depois de amanhã. E acaba não vivendo nenhum dia da propria vida.

Estamos atravessando agora o periodo mais agudo da mania de prophetizar. Quando um anno termina, quando se inaugura um novo anno, é que apparecem esses eternos desmancha-prazeres que vivem a annunciar o porvir. Os jornaes de S. Paulo já publicaram mais de cem predicções. E o interessante é que todas pintam para 1932 um quadro inteiramente diverso. Mas, apezar de tudo, ha um ponto de contacto em todas ellas. E' que todas são pessimistas. Os prophetas divergem quanto ás especies de desgraças que atormentarão o mundo. Mas, concordam em affirmar essas desgraças. Um delles crê que o mundo acabará por um novo diluvio. Outro diz que a agua está desmoralizada como elmento destruidor. Agora, chegou a vez do fogo. Um terceiro garante que a tragedia será a guerra universal. Mas logo surge um quarto, cujas sympathias são todas pelos terremotos. Ha tambem os prophetas de cyclones, os prophetas dos naufragios, dos incendios, dos suicidios collectivos, etc.

Só não apparecem os prophetas optimistas, os prophetas alegres, que nos annunciem cousas gostosas, esperanças novas do mundo, felicidades claras da vida, festa de almas contentes neste 1932 que se mostra tão enygmatico ao iniciar a sua caminhada de trezentos e sessenta e cinco dias.

E' pena que assim seja. Resta-nos, entretanto, um consolo. E' que a vida, no seu capricho, gosta de contrariar, de desmentir os prophetas. E talvez, porque elles apregôam agora tanta desventura, nos queira dar no anno novo todas as alegrias da terra e do céo.

Oa Reis Magos e Affonso XIII Quando os Reis Magos apparecerem, no dia da sua festa, hão de ficar muito surprehendidos, tristes talvez... E' que notarão logo a falta de mais um collega da terra. 1931 enguliu um rei — Affonso XIII. O numero de testas corôadas diminue assustadoramente no mundo moderno. E isso não deve agradar certamente a Gaspar, Balthazar e Melchior... Afinal de contas, deve haver uma solidariedade entre os soberanos da terra e do céo, da realidade e da lenda, da verdade e da poesia. Os pruridos republicanos desses ultimos tempos devem magoar o coração das tres personagens biblicas.

Até a realeza que os norte-americanos inventaram — a realeza do ouro — está em perigo. A crise mundial veiu comprometter sériamente a fortuna dos reis do Petroleo, do Aço, das Caixas de Phosphoros, dos Automoveis. Não ha mais segurança para os thronos do mundo A quéda de Affonso XIII e as aperturas financeiras dos magnatas americanos provam que ha uma terrivel "guigne" perseguindo os monarchas da terra. Até a libra-ouro, só porque tem o nome de "soberano", foi por agua abaixo, no descalabro do Thesouro britannico.

Não está, talvez, muito longe o dia em que os Reis Magos sejam os unicos reis do universo. Mas, ainda assim, é possivel fazer um commentario optimista. — E' que ficarão no mundo os reis mais poeticos, mais formosos e mais suaves que já appareceram na terra...

A Renascença Literaria de São Paulo Não se espantem com o titulo desse commentario. Ha realmente uma renascença literaria de São Paulo. Ha disso signaes esplendidos e encantadores. A "Hora Espiritual", realizada com tão grande exito, deu opportunidade a que S. Paulo ouvisse uma serie de conferencias subtis, harmoniosas. Quasi todos os valores novos dos circulos mentaes da cidade prestaram o seu apoio a essa brilhante iniciativa.

Depois, tivemos a "Quinzena do Livro", emprehendimento notavel sob todos os pontos de vista e do qual ainda são bem recentes os signaes. Parece que S. Paulo, dedicando um pouco do seu tempo ás puras cousas da intelligencia, quer ser, tambem, alem da artistica, a Capital Literaria do Brasil...

O CONTO EXTRANGEIRO

A pequenina casa do jardim

A SENHORA SIDERELL deixou sobre a mesinha o pequeno candelabro de ferro — (preferia sempre a luz mortiça dos candieiros á dura claridade das lampadas electricas) —, lançou um chale sobre os velhos hombros e saiu pela porta lateral da linda residencia — "a entrada de serviço", como era denominada no projeto do construtor.

Sentia-se cansada e vencida, quando se dirigiu para o pequeno pavilhão situado no fundo do jardim, a modesta moradia que Adam mandara edificar para ella, quando se casaram, ha mais de quarenta anos. A ramada de rosas vermelhas, sobre o portico, estava toda em flor. Ela havia plantado aquelas roseiras com as suas proprias mãos, havia muito tempo, naquela primeira primavera do amor... E elas continuavam ainda perfumando o ambiente. As roseiras eram mais fortes do que ela...

A senhora Siderell odiara sempre a casa grande — a casa da prosperidade e do orgulho de Adam — construida quando a formosa Avenida das Tilias se abriu no fundo da sua propriedade, acontecimento urbano que assignalava a transformação do antigo povoado, tão modesto, numa grande cidade industrial. O banco de Adam desenchera-se, então, e com ela a sua fortuna e a dureza do seu coração.

Tambem na pequena casa do jardim Adam se mostrara grosseiro, ás vezes. Mas, nesse tempo, ela ainda o amava.

No fundo da enorme propriedade, o pavilhão fôra conservado, primeiro como lugar para o brinquedo dos pequenos; depois, como deposito, para guardar ferramentas e provisões. Quando veiu o primeiro automovel, Adam quiz transformal-o em garage. Mas, ela se opuzera a isso e pela primeira vez vira satisfeito o seu desejo.

E agora, durante o mez que se seguiu á morte de Adam, ela não tivera mais do que um desejo — o de deixar a casa nova, tão bonita, mas tão vazia, e voltar a installar-se na pequenina mansão do jardim, disposta a passar ali o resto dos seus dias.

Os filhos não queriam admittir essa attitude.

— Toda gente extranhará essa exquisitice — protestou Mildred.

— Não ficará bem, mamãe — dissera-lhe John, o maior. — Ha de parecer que nós a obrigamos a sahir.

As casas eram suas e tinha o direito de fazer com ellas o que bem quizesse. Mas, naquella noite, se declarara vencida ante os argumentos de John, que, com a sua esposa Hagel, viera visital-a, depois do jantar, com o proposito de "convencel-a".

— Meu filho — pedira-lhe — sou velha e só tenho de meu as recordações do passado. Quèro viver com ellas.

— Não diga isso, mamãe — protestara John. — E os seus filhos não lhe pertencem?

E, depois, dando a entender que se tratava de um sacrificio, accrescentou:

— Além disso, si não quer viver aqui sosinha, eu e Hagel viremos morar comsigo. Não poderemos deixar a casa abandonada. Papae orgulhava-se tanto della!

Ella inclinara a cabeça, consentindo. Como poderia dizer-lhe que não viesse?

Como poderia dizer-lhe que o casarão só lhe dera tristezas, que a havia separado dos seus filhos? Foi na casa grande que ella vira o seu moreno e robusto John converter-se gradualmente numa duplicata do pae, com a mesma barbicha imperiosa, as mesmas linhas duras ao redor da bocca, sempre preoccupado com o dinheiro e a posição social. Ali ouvira, na desolada e sombria tranquillidade da noite, a Mildred chorar desesperadamente em seu leito, na vespera do casamento de conveniencia que o pae a obrigara a acceitar. Naquelle dormitorio quadrado, do lado da frente, Addie dera á luz o primeiro neto, para logo depois morrer com o filho. E, naquella grande casa, começaram as brigas de Jimmy.

No pavilhãosinho, ella tivera tempo para dedicar-se aos filhos, que brincavam perto da cosinha, ao sol, ajudando-a, enxugando os pratos, levando pequenos recados, correndo de um lado para outro e enchendo a casa com a alegria ruidosa dos seus jogos.

Jimmy, o menor, tinha sete annos quando se mudaram para a casa grande. Sempre havia tido um genio violento, porém ela sabia controlal-o quando estava ao seu lado. Mas, na casa grande, o trabalho era muito. Tinham duas empregadas e Adam desejava que a sua esposa fizesse uma intensa vida social — jantares, ceias, festas de caridade, grandes casamentos para Addie e Mildred. Queria que a sua casa fosse a melhor e a mais importante de Cedar Valley.

Certo dia, Jimmy, encerrado, por castigo, na sala de jantar, derrubara, com um ponta-pé raivoso, uma mesinha cheia de valiosos vasos de porcelana. Para corrigil-os dos seus frequentes acessos de colera, o pai batera-lhe estupidamente, como um selvagem, com a primeira cousa que encontrou á mão — um chicote que fôra encontrar no jardim. Desde então, Jimmy e Adam desavinham-se continuamente, até que Adam, declarando-o indomesticavel, mandou-o para a Escola Militar.

Si ela tivesse podido conserval-o ao seu lado, havia de corrigil-o com doçura e carinho...

Depois, veiu a questão daquela moça de quem Jimmy se enamorou. Adam classificara-a de "inferior" e expulsara o filho de casa prohibindo-o de voltar a ela até fazer alguma cousa que a dignificasse. Dignificar o que? A casa grande... o orgulho de Adam... Jimmy continuava ainda errando pelo mundo. A sua ultima carta tinha o sello do Perú e não indicava o proximo regresso de quem a escreveu. Provavelmente, nem pensava nisso.

Jimmy, o seu lindo menino de cabellos de ouro! No pavilhãosinho do fundo do jardim, brincara ao seu lado, fitando-a com a carinha enrugada pelo riso.

A senhora Siderell embrulhou-se bem no chale. A noite estava fresca. O melhor era voltar e meter-se na cama. O dia seguinte seria de trabalho, pois tinha de preparar a casa para a chegada de John e Hagel.

Dirigiu-se pra a casa grande e, entrando, tomou o candelabro que deixara sobre a mesinha do "hall", acendeu o pavio e encaminhou-se para o dormitorio, atravessando os grandes salões vazios.

Chegou ao seu aposento. Ali, sobre a comoda, estava a ultima fotografia de Adam, com a expressão dura que a riqueza lhe dera. A casa grande roubara-o tambem. Depois que se mudou, Adam tinha mais apreço á casa do que á mulher.

Foi até á janela, para fechar as persianas. Na sua mão tremula, a candeia se inclinou e a sua lingua de fogo alcançou a leve cortina de organdy. Ella contemplou a chamma, fascinada, e depois, deixando o candelabro no chão, correu escadas abaixo, sem saber o que fazia.

E da sombra amavel do pavilhãosinho do jardim, sob o portico florido de rosas vermelhas, viu as labaredas extenderem-se rapidamente. Sentiu que a sombra de Adam, quando moço, e as dos seus meninos a cercavam.

Quando soubesse que ella vivia na casinha do jardim, talvez Jimmy se lembrasse de voltar. Elle tambem gostara muito daquella casa!

BEATRIZ BLAKMAR

HEROES DA VIDA MODERNA

Um mathematico genial e um violinista mediocre

ALBERT EIINSTEN

Em 1919, appareceu na Allemanha um pequeno folheto que continha apenas doze paginas de texto. Assignava-o um nome até então quasi inteiramente desconhecido não só no mundo, como na sua propria terra. Tudo parecia indicar que a diminuta obra teria o mesmo destino de milhões de folhetos de igual apresentação, que surgem, cada mez, na Allemanha, na Inglaterra, na França.

No emtanto, sobre esse opusculo de doze paginas já se tinham escripto, até dezembro de 1930, nada menos de 3.775 livros! Descobriu-se que naquelle volume tão reduzido se apresentava a mais audaciosa theoria para explicar o Cosmos.

Debatiam-se, á luz de novas e surprehendentes verdades, os problemas finaes do universo. Realizava-se a maior revolução scientifica dos tempos modernos. Eram subvertidos os principios consagrados da Physica e da Astronomia.

E, assim, um obscuro professor, de origem judaica, que até aquella época só chamava a attenção pelas extravagancias do seu temperamento, pelo pittoresco da sua figura, pelas distracções divertidas que a todo instante revelava, surgiu deante do mundo como uma das mais poderosas cabeças de todos os tempos. Era Alberto Einstein, logo depois appellidado de "Machina do Pensamento".

A Theoria da Relatividade constitue, sem duvida, a novidade scientifica mais impressionante do seculo. E a sua confirmação veiu logo após o lançamento da Theoria. A predicção de Einstein, de que a luz das estrellas, ao passar pelo campo de gravitação do sol, soffre um desvio, foi comprovada, como devem lembrar-se os leitores, pela expedição de astronomos inglezes que veiu ao Brasil afim de estudar o phenomeno de um ponto equatorial. Essa predicção estava ligada, ainda que incidentalmente, á sua grande Theoria da Relatividade. A comprovação do que Einstein annunciara veiu chamar a attenção do mundo, ainda descrente, para a sua obra.

Ha quem diga que Einstein é a maior força intellectual do seculo. E mesmo já se assegurou que, se se confirmarem as suas ultimas hypotheses sobre o Cosmos, divulgadas no livro "Theoria do Campo Unificado", Einstein deve ser julgado o maior pensador de todos os tempos.

A palavra "Relatividade" vulgarizou-se. Chega a ser motivo para pilherias e trocadilhos engraçados. E, na verdade, algumas das conclusões de Einstein são de molde a prender a imaginação e despertar a curiosidade, mesmo de pessoas que não podem apprehender, na sua complexidade, as theorias de que resultam aquelles postulados.

Basta lembrar que a theoria de Einstein envolve o conceito verdadeiramente revolucionario da quarta dimensão — a dimensão do tempo. Concebe os objectos como capazes de serem medidos e descriptos não só quanto á altura, comprimento e espessura, mas tambem quanto ao tempo da sua existencia em relação aos outros objectos.

Eis algumas outras noções desconcertantes de Einstein, que ferem os conceitos communs:

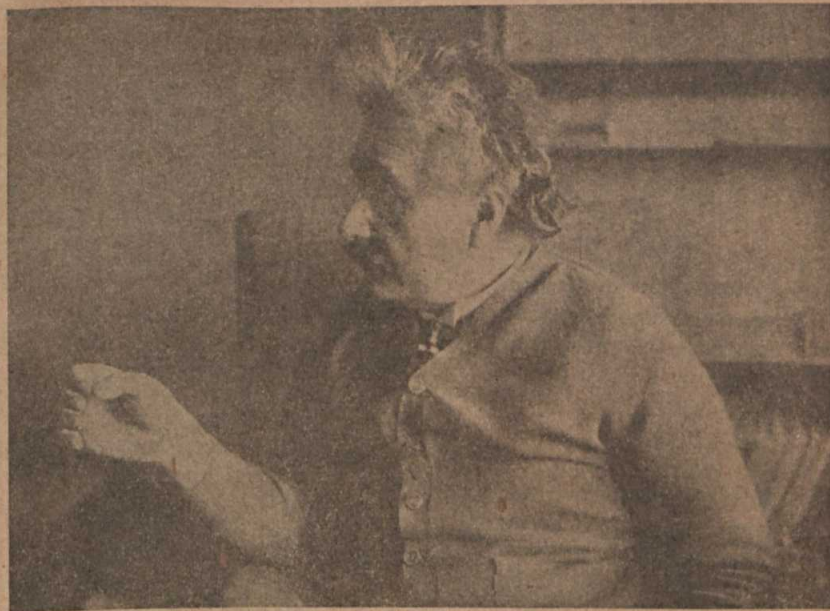
"Uma linha recta não é a distancia mais curta entre dois pontos. O caminho mais curto é a curva."

"A queda de um objecto não resulta da attracção exercida pela lei da gravidade. E' a terra que se ergue e vae ao encontro do objecto que está cahindo."

"Os corpos encolhem-se quando se movem com grande velocidade. Um trem correndo a cem kilometros por hora é mais curto que o mesmo trem parado."

"Se se pudesse atirar uma vara de seis pés de extensão numa velocidade de 160.000 milhas por segundo, ella perderia, durante a carreira, metade do seu comprimento, para readquirir a differença quando parasse."

Seria um erro imaginar que Einstein, vivendo no mundo das abstracções, estudando estrellas, fazendo complicadissimos calculos mathematicos, se alheia da vida ambiente e se desinteressa da sorte da humanidade, na sua hora presente. Pelo contrario, esse sabio de cincoenta e dois annos é uma das juventudes mais vibrantes da Europa. O que caracteriza a sua intelligencia é o sentido humano.

Einstein é um politico de vocação. A sua propaganda socialista é conhecida no mundo inteiro. Faz parte da direcção do "Monde", o notavel pamphleto marxista de Barbusse. E' um pacifista que sae a campo, como fez recentemente nos Estados Unidos, para combater o espirito militarista e o programma armamentista das grandes potencias. Foi tal a actuação de Einstein nesse sentido, que o governo yankee recebeu de diversas associações nacionalistas insistentes suggestões para que convidasse o mathematico a retirar-se do paiz. Agora mesmo, Einstein está escrevendo para a imprensa novayorkina uma serie interessantissima de artigos sobre a situação economica e politica da Europa.

Amôr pelo radio

DO outro lado do fio, a voz indifferente respondeu, num tom de quem tem mais o que fazer:

— "Record"...

— Fulano está?

Veio o fulano.

E ella marcou-lhe, ás pressas, commercialmente, um encontro para dahi a quinze minutos. Passaria com o auto, elle a esperaria em tal lugar. A' objecção timida que elle lhe fez, ponderando-lhe que ainda tinha de cantar dois numeros no programma, respondeu, decisiva:

— Agora ou nunca mais.

E não ficou sabendo se foram os argumentos que o convenceram ou a quentura de caricia que puzera na voz. Teve uma satisfação muito feminina, pensando no transtorno que ia causar a tanta gente a sahida brusca do cantor. Sorriu do desapontamento de milhares de ouvintes logrados por ella.

De passagem, os dedos tremendo inexplicavelmente, enguliu dois calices de licôr, para animar. Desceu á garage, tirou o carro, viu-se na rua fresca, ainda molhada de uma chuva recente.

A mão no volante, o coração aos trancos, ia roubar á vida uma hora de aventura, para colorir um pouco a mesmice incolor de seus dias eguaes. Aquella voz era a paixão do seu ultimo trimestre. Numa noite passada sózinha na casa vasia, quando cortinas de chuva faziam o transito prohibido para ella e a sua baratinha petulante, o carinho intempestivo daquella voz lhe entrara, sorrateiro, pela casa e pela vida a dentro. Voz que tinha alma, *it sexappeal*, tudo. Desde então, a sua fantasia corria a 200 kilometros por hora. Vivia com os ouvidos presos ao rythmo do radio. Não lia mais os programmas para ter uma surpresa louca, ouvindo sem esperar a voz desejadissima. E quando ella lhe chegava, na melodia malandra de um samba, terna, molenga, brasileira, com uma nota imprecisa, indefinivel de saudade, acordava nella desejos insuspeitados, fontes adormecidas de carinho. Era um "caso" inédito entre as centenas de "casos" já vividos. Tivera de tudo o que sua liberdade rica, seu corpo bonito e sua ausencia de preconceitos permittiam. E se surprehendia, agora, quando os quinze annos eram apenas uma saudade distante, cansada de viagens e civilização, entregue á pieguice fora-da-moda desse platonismo absurdo.

Nessa noite não soube resistir. Os metaes polidos do telephone brilhavam com uma insistencia de convite. Falou-lhe. Havia um *cocktail* de idéas embebedando-lhe a cabeça naturalmente desajuizada. E corria para elle, emquanto as ruas molhadas, em que luzes, casas, arvores se reflectiam, desvairadas de pressa, passavam, rindo-se della, embaixo dos *pneus*...

Praça da Republica. Deteve o carro. Olhou, quasi com medo, um corredor de luzes, apertado entre paredes futuristas. A entrada da Radio. Na esquina, um vulto desageitado, terno de brim branco, dizendo descomposturas ao sobretudo surrado, sob a ironia de uma palheta, fumava, num geito nervoso. Podia ser elle. Podia não ser. Mas se fosse... Uma onda de bom-senso invadiu-a. Percebeu, num minuto redemptor, todo o ridiculo da situação. Não valia a pena. Poz o carro em movimento. Olhou, quasi reconhecida, o terno de brim branco que podia ser delle e podia não ser. Que, em todo caso, a havia curado.

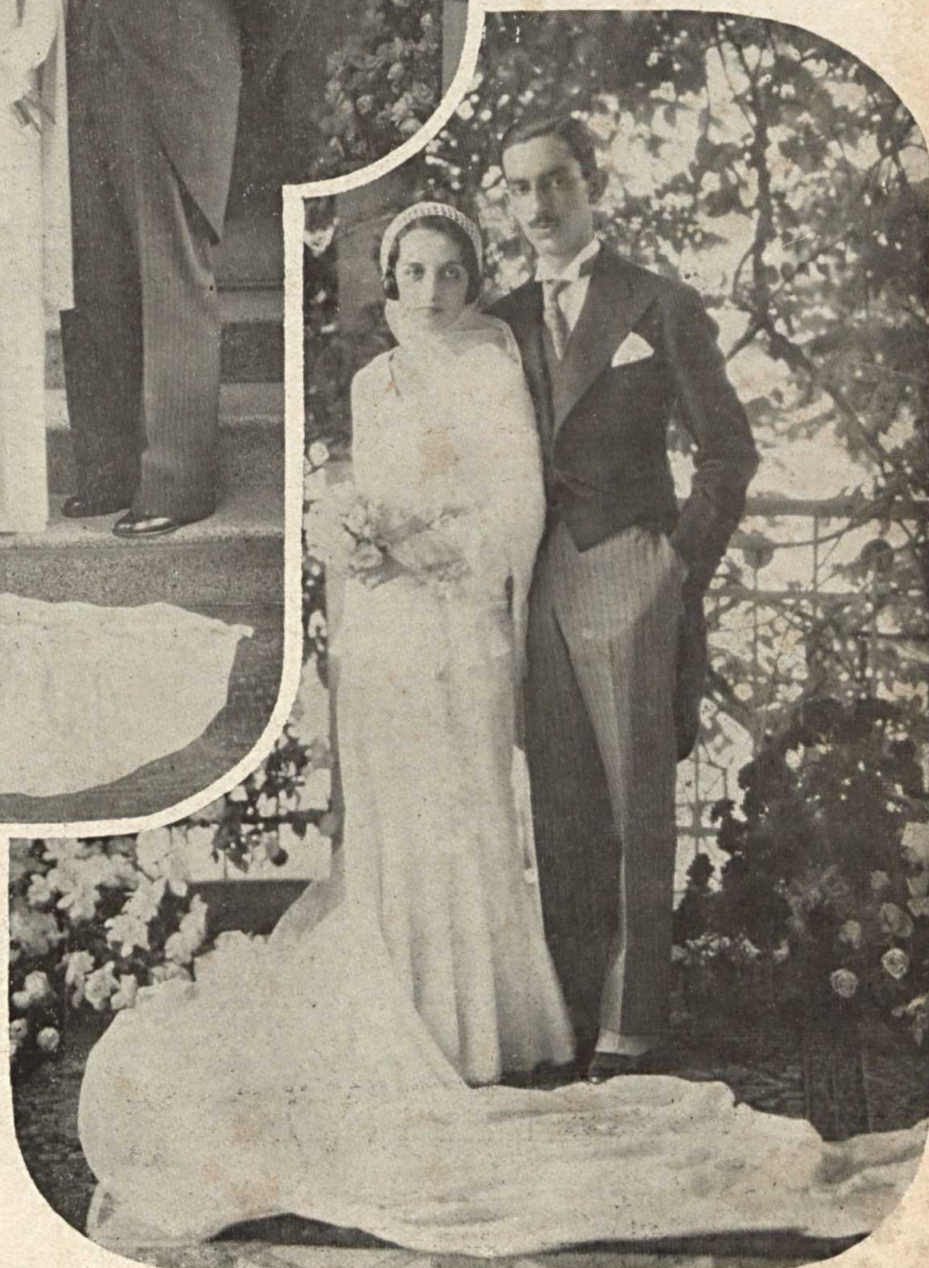
E uma hora depois, no seu appartamento de lampadas azues, mordia, de olhos serenos, um biscoito embebido em vinho do porto, lendo um livro edificante, com o receptor de radio desligado...

ELSIE LESSA

Alcindo, de 2 annos de idade, filhinho do Sr. Waldemar Tavernaro, residente no Alto da Serra.

NOSSA SOCIEDADE

Enlace
Edith Schmidt
Albary Almeida Cardia

(PHOTO MAX ROSENFELD)

Enlace
Jalva Pereira Leite
J. E. Pereira Barretto

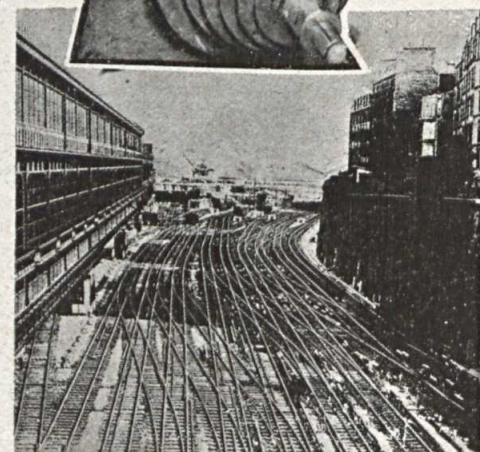
ESPELHOS DO MUNDO

Ensinando por uma nova cartilha — aspecto de uma escola na Russia sovietica.

Os indios da Bolivia têm uma physionomia muito expressiva, a pezar da sua fealdade. Observem essas photographias apanhadas recentemente numa aldeia perto de Cusco.

A America do Norte é a terra das bellas estradas de rodagem. Vejam, por exemplo, esta que a gravura mostra, com grandes linhas brancas orientando o trafego.

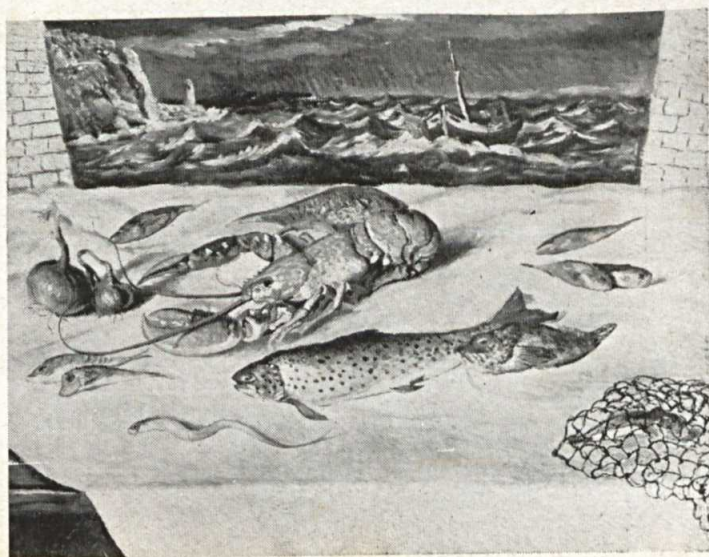
Um homem com quem é util entreter sempre as melhores relações — um athleta italiano que levanta com um só braço um peso de 150 ks.

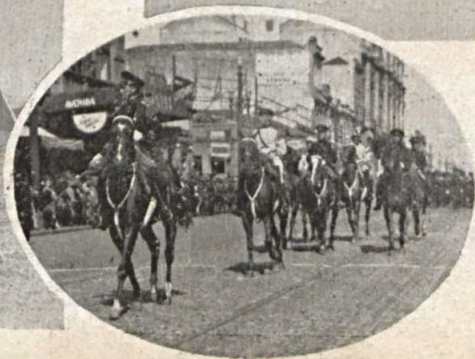
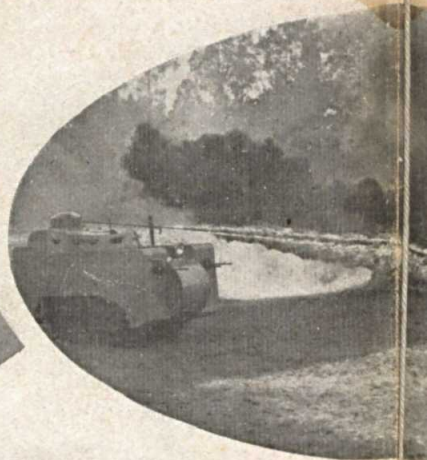
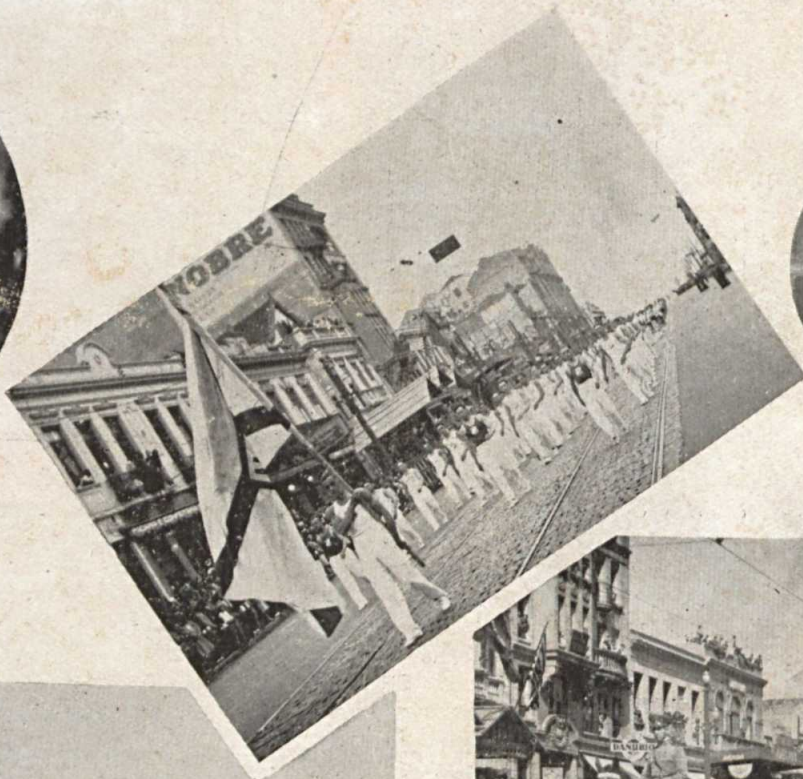
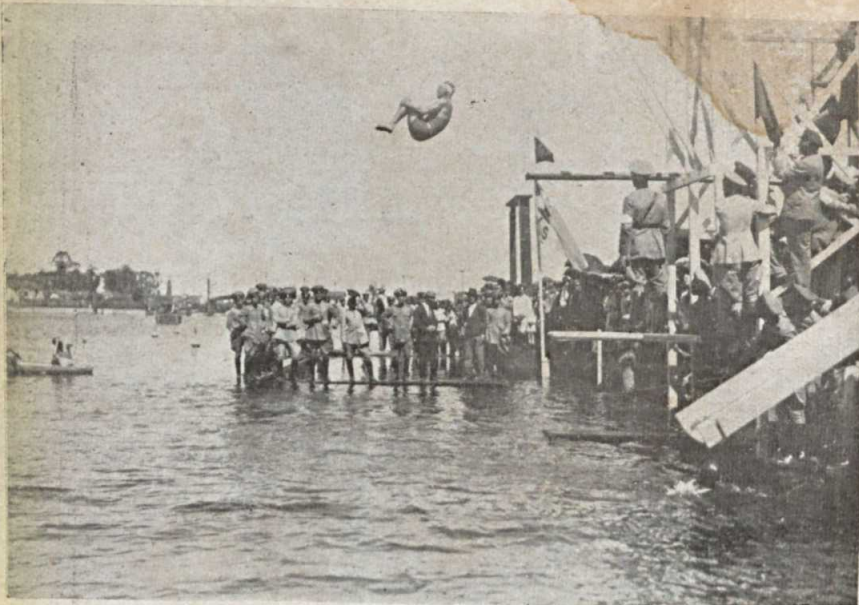
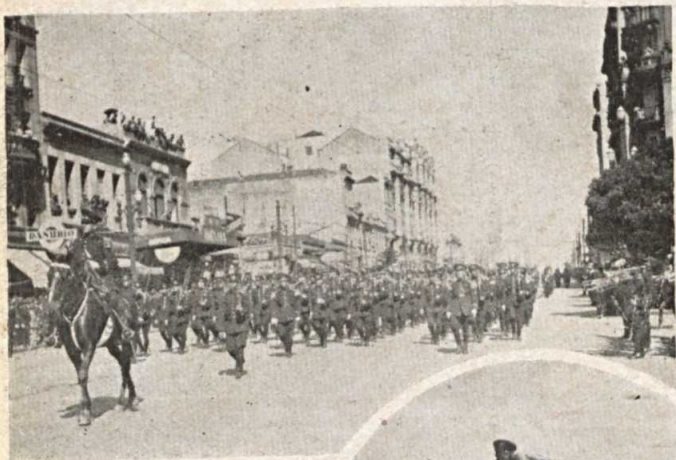
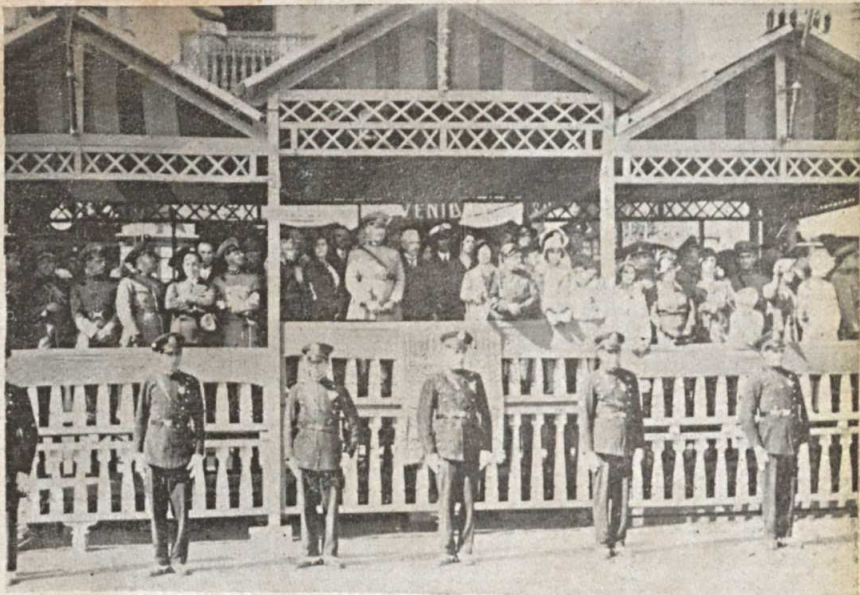
Um verdadeiro labyrintho de linhas ferreas. Surprehendente vista da estação de St. Lazare, em Paris.

A graça violenta dos bailados modernos — A notavel dansarina Maria Graham, na sua ultima creação choreographica.

Um esforço cujo resultado é ainda incerto — uma camponeza russa tenta aprender a ler e a escrever.

NOVAS TELAS

O Sr. Salvador Caruso, autor da nossa capa e da esplendida cabeça de cigano, ao lado.

"Ciganas", de Marques Campão

"Natureza Morta", de Hugo Adami

"Positano", de Hugo Adami

a Publica de S. Paulo

ogramma que publicámos em anterior, realizaram-se com pompa invulgar os festejos tenario da nossa Força Pu- ras reproduzem alguns as- festividades.

MARY LINA

MARY LINA nunca poderia esquecer aquella festa de Natal. Ficaria gravada na sua memoria, para sempre, com todas suas luzes, com todas as suas côres, com todo o seu divino encanto.

A "sua" festa de Natal!... A mais bella de todas... Nem aquella antiga festa, dos seus tempos de menina, quando conhecera, pela primeira vez, o bom velho Papá Noel, valia a festa nova que vivêra, nos seus dias de moça, num Natal sem Papá Noel...

Porque foi, então, que conheceu alguem que valia todos os Papás Noel do mundo. Alguem, que lhe deu um presente melhor do que todos os recebidos na sua infancia de creança rica. Alguem, que lhe dera o lindo presente do amor...

João Fayal entrara na vida de Mary Lina, como a esplendida surpreza... Inesperadamente, com essa amavel arrogancia dos triumphadores, que se fazem adorar pelos vencidos.

Tudo aconteceu num baile de Natal... A residencia de Mary Lina transformara-se num palacio encantado. A imponente casa solarenga resplandescia no fulgor da festa tradicional. Nos salões brilhantes, havia a animação da mocidade elegante e uma athmosphera de sonho envolvia os pares que volteavam na suave loucura das dansas.

Mas, não eram os salões ruidosos que Mary Lina gostava de recordar. Era aquelle canto risonho do jardim illuminado de lanternas chinezas, aquelle recanto em que ouvira de João Fayal a primeira e tão esperada palavra de amor.

Ah! Como a pobre Mary Lina vivia ainda aquelle instante inesquecivel! Outras festas de Natal já tinham passado. Mais uma vez, os salões da sua imponente casa solarenga acolhiam os pares fascinados pela attracção das dansas. O jardim illuminara-se mais uma vez de lanternas chinezas, que, como flores fabulosas desabrochando em luz, pendiam das arvores enfeitiçadas. Mas, era só aquella primeira festa, a festa em que João Fayal entrara na sua vida, que Mary Lina gostava de recordar quando dezembro trazia a promessa de Natal...

Fôra bem simples o seu romance. Primeiro, João Fayal parecera-lhe o inattingivel... Já o amava antes de o conhecer. Fôra o companheiro do seu irmão, nos tempos da Universidade. E o tonto do Jorge, nas suas animadas conversas do tempo de ferias, ao contar as figuras e os acontecimentos do seu meio escolar, falava com enthusiasmo nesse legendario João Fayal, que apparecia como o heroe de todas as aventuras, como o centro de todos os movimentos, como o symbolo juvenil da Universidade.

Mary Lina, na flor dos seus dezesete annos romanescos, ouvia, encantada, aquellas historias que a phantasia de Jorge, dourando as proezas do seu admirado companheiro, sempre engrandecia e enfeitava... Pouco a pouco, Mary Lina foi identificando naquelle moço desconhecido todos os sonhos vagos do seu coração. Era elle a encarnação do Eleito, que a sua alma desejava encontrar.

E um dia, elle appareceu em sua casa, levado por Jorge. Ninguem percebeu a emoção deslumbrada com que Mary Lina viu chegar aquelle que já amava no fundo do seu coração. Mas, ella, unica dona do proprio segredo, comprehendeu muito bem que a sua alma estremecera quando se encontrou com esse esperado João Fayal.

E elle, grande, sereno, como um joven deus feliz, nem adivinhou o que já representava para aquella vida que se lhe offerecia. E Mary Lina nem pensou em revelar-lhe o doce mysterio do seu amor... Ella era uma pobre menina, que nem Jorge levava a serio. E como poderia pretender o amor daquelle que era o heroe de Jorge? Era uma desproporção muito grande — sentia ella, na sua innocente humildade de alma.

Como poderia ella impressionar João Fayal?... Era uma tola mocinha que sahira recentemente do collegio interno. Ainda não adquirira esse encanto dos salões, essa seducção que descobria nas outras moças, acostumadas á vida da elegancia e ao amavel discretear das rodas sociaes... E todas ellas cercavam João Fayal, o interessante João Fayal, galanteador de phrases perfeitas, o fascinador espiritual, que borboleteava pelas salas, levando a todas a sua homenagem natural, com um ar de Papá Noel juvenil que distribue presentes maravilhosos...

Mary Lina sentia a sua fraqueza deante daquella força... E quando

Jorge contava em casa o novo successo que Fayal obtivera numa roda feminina; quando dizia do exito esperado do seu primeiro livro de poesias; da maneira brilhante por que se houvera num circulo de rapazes, Mary Lina comprehendia ainda mais que não seria ella a destinada a acompanhar na vida tão superior personagem.

Certas vezes, chegava a desejar que elle não fosse assim tão notavel. Queria-o ver igual aos outros rapazes que a cortejavam. Tentava descobrir-lhe defeitos, surprehender-lhe as fraquezas. Assim, poderia sentil-o mais proximo, mais em harmonia com a sua insignificancia de moça commum, que não sabia brilhar...

Mas, por mais que o estudasse, não encontrava uma só falha. João Fayal cada vez mais crescia aos seus olhos, deante da sua alma deslumbrada. E, então, não sabia se devia alegrar-se ou entristecer-se com o esplendor do Eleito. Si elle não fosse como era, por certo não corresponderia ao seu ideal de moça romantica e já não poderia amar. Sendo como era, não estava ao alcance do seu desejo.

E um dia, no dia de Natal, na festa de Natal, em sua casa, realizou-se o suave milagre... João Fayal levara-a para o jardim. E alli, sob as ramadas enriquecidas de rosas, á luz incerta das lanternas chinezas, elle dissera a palavra impossivel, a palavra que Mary Lina tanto desejava, mas que não ousava esperar da sua bocca. João Fayal dissera a palavra de amor... O joven deus fez-se humano para adorar a meiga creatura linda que já o adorava como um deus.

Foi um instante de gloria na existencia de Mary Lina. Como o mundo

JOB SERENO

lhe pareceu differente naquella noite! O suave encanto do Natal, que tantas vezes sentira quando garota, renovara-se mais bonito para a sua alegria de moça.

E o leve rumor do primeiro e unico beijo que trocaram, na doçura serena do jardim, foi confundir-se com o ruido meigo da agua do repuxo, que contava ás arvores proximas, numa linguagem incomprehensivel, não se sabe que extravagante conto de Natal...

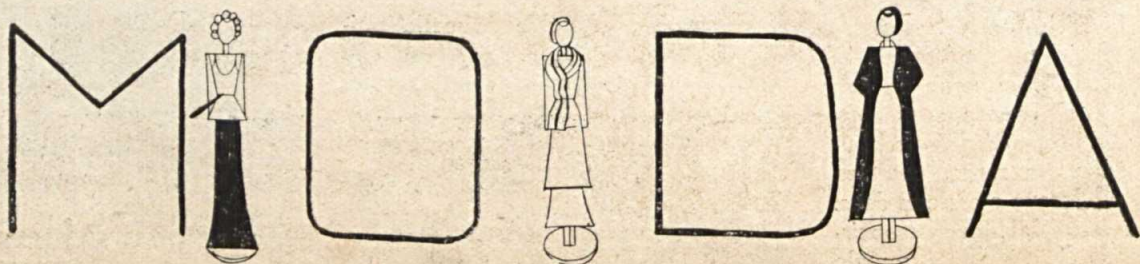
No dia seguinte, João Fayal partiu para uma annunciada viagem á Europa. E nunca mais voltou... Dizem que, ao envez de apurar os estudos em Paris, atirou-se na locura amorosa

(Cont. á pg. 26)

Para o "Reveillon"

O boléro, a "cape" ou o "mantelet" acompanham sempre o vestido de noite.

E' chocante o contraste entre o vestido verde vivo e a jaqueta negra, nesta linda creação de Lanvin. Outro contraste, o materiaes: crêpe "marrocain" pesado, para o vestido, e lantejoulas negras brilhantes, para a jaqueta. Um volante de lantejoulas verdes guarnece as mangas curtas. Decóte bambo; cinto estreito, no logar.

MODA

A CONQUISTA DE UM BEIJO

Radio-Sketch de Ernesto Greco

(*Ouvem-se os ultimos compassos da "Valsa do Beijo"*...)

ELLA — Está gostando do baile?

ELLE — Gostei dessa valsa que dansei com você...

ELLA — Você?... Estou gostando dessa intimidade. Ha pouco só me chamava de senhorita...

ELLE (*segredando*) — A valsa autorizou-me essa intimidade...

ELLA — E eu? Sabe se autorizei ou não?

ELLE — Autorizou, porque senão não viriá commigo até a este terraço...

ELLA — Convencido...

ELLE (*depois de um silencio*) — Você sabe que está linda com esse vestido azul, com esses cabellos loiros, meio despenteados...

ELLA (*dá uma gargalhada gostosa*) — Mas será possivel que você vae repetir o que todos os homens me dizem nos bailes, nas ruas, no bonde, no cinema... (*fazendo voz grossa*) "como você é bonita!" (*Ri ainda*).

ELLE (*meio desapontado*) — E'... você hoje fez-me ficar triste, você assim está tão deliciosa...

ELLA — Mas você falar-me em tristeza, num terraço quasi sem luz e depois de uma valsa tão triste... Francamente, nem parece que você tem vinte annos e uma baratinha... (*Ri.*)

ELLE (*suspira*) — Olha como o céo está bonito... As estrellas...

ELLA (*interrompendo*) — Mas decididamente, você está disposto a fazer-me uma declaração de amor? Se está, resolva-se. Diga logo. Confesse. Olhe bem nos meus olhos e diga: "Sonia, eu gosto de você". Só. Mais nada. (*Mudando de tom, ironica*). Agora, se quer divertir-se commigo, conte-me uma historia engraçada...

ELLE (*decidido*) — E'. Vou contar uma anecdota.

ELLA (*Bate as duas mãos, infantilmente*) — Bravos. Gostei da resolução...

ELLE — Uma vez, em alto mar, um navio naufragou. Somente dois marinheiros conseguiram salvar-se, agarrados num pedaço de madeira. Um velho e um moço. Estiveram algum tempo ao sabor das aguas. O velho, marinheiro experimentado, lembrou-se da existencia, naquelle local do oceano, de duas ilhas originaes. Uma, habitada somente por mulheres. Outra, povoada apenas por selvagens antropophagos. Quando a fome apertou, os dois tiraram a sorte: quem iria para a ilha dos cannibaes? A fortuna sorriu ao moço, e elle, despedindo-se do velho companheiro, nadou em direcção da ilha das mulheres. O velho benzeu-se, e nadou conformado para a ilha dos antropophagos. (*Pausa. Triste.*) Mas só um dos marinheiros conseguiu salvar-se.

ELLA (*interessada*) — Quem, hein?

ELLE — O velho... o que foi para a ilha dos antropophagos...

ELLA (*Ri gostosamente*).

ELLE — Gostou, não é? Pois agora sou eu que vou vingar-me das suas ironias...

ELLA (*assustada*) — O quê?

ELLE — Pois é. Vou te agarrar...

ELLA — Ahn? Me agarrar?

ELLE (*solenne*) — Eu vou te dar um beijo...

ELLA (*admirada*) — Oh! um beijo... (*dá um risinho*) Um beijo... Só isso?

ELLE — Você não tem medo? Olhe que aqui não tem ninguem, eu te agarro, e como todo esse baton da sua bocca...

ELLA — Mas isso não tem importancia nenhuma! Um beijo (*declama separando as syllabas*). Um be-i-jo... (*Ri*) Mas se eu já sabia que o final de tudo isso seria um beijo!...

ELLE — Está brincando? Não acredita? Pois eu vou mesmo te beijar...

ELLA — Já não era sem tempo... Depois de falar sobre a minha belleza, depois de falar sobre as estrellas — só mesmo um beijo...

ELLE — Menina, não brinque, que eu te beijo mesmo...

ELLA (*ironica, sarcastica*) — Então resolva-se...

ELLE — Quer ver?

SPEAKER — Radio Sociedade Record. São Paulo. Está terminado o tempo regulamentar para este sketch...

ELLE (*assustado*) — Mas ainda não acabou!...

ELLA (*assustada tambem*) — Pois é.

SPEAKER — Dou um minuto de prazo. O que é que está faltando?

ELLE (*afogueado*) — O beijo...

SPEAKER — Pois beijem-se.

ELLE (*solicito*) — Pois não.

ELLA (*meio enleada*) — E'... mas... aqui...

SPEAKER — Não tem importancia. Aqui mesmo...

ELLA — E o publico?...

SPEAKER — Ora, o publico. Ainda não ha televisão. Podem beijar-se.

(*Ouve-se o ruido prolongado de um beijo.*)

Representado em 24 de Dezembro, na Record, pela srta. Lourdes Falcão e srs. Cesar Ladeira e Origines Lessa. Classificado no "Concurso de Sketches Humoristicos".

CINEMAS

Os astros que Hollywood prefere

QUASI todas as cidades do mundo já indicaram, por meio de concursos sensacionais, os seus favoritos entre todos os artistas da tela. Mas, essas preferencias resultam exclusivamente, como é facil de entender, da maneira por que esses artistas aparecem nas imagens animadas.

Na realidade da propria vida fóra do cinema, esses "astros" eleitos correspondem ao enthusiasmo dos seus admiradores e, principalmente, das suas admiradoras? Só Hollywood, que os conhece intimamente, tem elementos para falar a esse respeito. Entretanto, veja-se a ironia da sorte. Sendo aquela que está mais autorizada a manifestar-se acerca dos artistas cinematographicos, é Hollywood, entretanto, a unica cidade do mundo que ainda não escolheu os seus favoritos.

Mas, embora não tenha se manifestado solennemente, Hollywood dá a entender as suas sympathias de maneira bem franca. Ha certos "astros" que gosam visivelmente de uma popularidade muito maior do que outros mais consagrados pelos "fans" do mundo. "Estrellas" de gloria universal são suplantadas, no coração caprichoso de Hollywood por nomes secundarios na galeria de celebridades da tela.

Ha alguns casos de simpatia dignos de ser mencionados porque provam a verdadeira personalidade dos favoritos da tela, essa personalidade que nem sempre a lente do "camera-man" consegue photographar.

Maria Dreisler, a velha atriz comica, é uma das rainhas dos estudios de Hollywood. Não ha na fabrica da Metro Goldwin Mayer artista que seja mais querida por todo o pessoal. No mesmo estudio, Ramon Novarro conta as preferencias de uma enorme maioria. E' que Ramon tem um geitinho todo especial para conquistar amizades e dedicações... Gosta de fazer-se agradavel, de auxiliar aos que precisam, tem o coração aberto para todos os companheiros. Quando chega o Natal, o artista de "Sevilha dos meus amores", aparece sobraçando presentes para todos...

Fifi d'Orsay, a alegre francesinha do cinema norte-americano, é a favorita nos estudios da "Fox". E' communicativa, brincalhona, e quando vai começar uma nova pelicula distribue abraços e beijos a granel.

Em compensação, ha no mesmo estudio uma creaturinha que faz tudo para não parecer simpatica. E' Joan Bennett, joven e linda, mas que parece ter no sangue o instinto da antipatia. Igual coisa pode dizer-se de sua irmã, a famosa Constance Bennett, que só deixou lembranças desagradaveis em todos os centros em que tem trabalhado.

Charles Farrell foi, anos atrás, um acambarcador de predileções. Hoje, já tendo dado mostras de uma neurastenia incontida, perdeu a maior parte das suas antigas amizades.

Existia na "Paramount" um par que se podia considerar como o dos reis da popularidade: William Powell e Carole Lombard, hoje casados. Richard Arlen e Dagry Cooper são tambem muito queridos naquele estudio. Já não se pode dizer o mesmo de Marlene Dietrich e Ruth Chatterton, que não conquistaram muitas simpatias...

Reginald Denny conquistou uma popularidade muito grande desde os tempos da Universal. Já William Haines, antes recebido por toda parte com grandes demonstrações de afeto, parece ter perdido muito dessa simpatia, devido á sua mania de fazer pilherias a toda hora e com toda gente. E essas pilherias têm ás vezes um gosto muito discutivel...

Entre os elementos que souberam sustentar as amizades já alcançadas, contam-se Clive Brooks, Ann Harding, Norma Shearer, Ronald Colman, John Boles e Richard Dix. Mas, a verdadeira *Namorada de Hollywood* é Janet Gaynor, que guarda na vida a suavidade esquisita e sutil que tantas vezes já admiramos nas suas peliculas.

A arte paulistana antiga

A musica, a pintura e a esculptura em S. Paulo seiscentista. O retrato do Redemptor da Patria. Bandas de musica coloniaes.

Das artes nobres cultivadas no nosso periodo colonial, uma apenas dá signaes de sua existencia nos nossos inventarios e testamentos: a musica.

Que seria a musica brasileira? Eis pergunta de bem difficil resposta, tal a falta de documentação que nos habilita a dar aos nossos leitores quaesquer informes de certo peso.

E sobretudo na parte referente a S. Paulo.

E no emtanto sabemos que desde os primeiros dias da villa de S. Paulo do Campo os choraes e a choréa eram o objecto do empenho dos catechistas a começar pelo Veneravel Joseph. Os cateretês dos nossos primeiros catechumenos lembravam duas vezes miliar e sagrada tradição do bailado do segundo rei judaico em honra á Arca da Alliança.

Pelas veredas das campinas piratininganas caminhavam os commins entoando lôas a Nossa Senhora, dirigidos processionalmente pelo angelo missionario de Teneriffe.

E este assumpto inspirou uma das mais lindas composições da nossa galeria de quadros historicos brasileiros, a tela de Lucilo de Albuquerque, que tanto devia estar no Ypiranga e *helas!* lá não se acha.

Depoimento precioso sobre a primitiva musica brasileira é o de Pyrard de Laval, o conhecido viajante francez que pelo nosso paiz passou em 1610. Refere-se, porém, não a S. Paulo, mas á Bahia. Mas é tão interessante e geralmente pouco conhecido que não resistimos a transcrevel-as.

Refere-se Pyrard, segundo pensa Pedro Calmon, á banda de musica do Bángala, o famoso personagem seiscentista de principios do seculo Balthazar de Aragão, cuja alcunha o navegante francez teria estropiado para Mangue-la-bota.

Eis ahi uma nota pittoresca para a historia da musica no Brasil esta feição do dilettante seiscentista, sumptuoso e maniaco, vivendo no meio de tiorbas e alaudes vibrados por mãos angolezas, sob a regencia de um marselhez, quiçá tartarinesco e espalhafatoso.

Acaso tentaria o maestrino das boccas do Rhodano confiar ás auras brasileiras as melodias dos "sirventes e cansós" da terra natal por intermedio dos larynges loandezes transplantados, pelo trafico, ás costas bahianas?

Não o levaria a nostalgia do Mediterraneo e dos olivaes a tentar infundir nos peitos africanos a alegria dos "joglareses" bacchicos ou nupciaes? Que seria este concerto de azevichados tenores, fuliginosos barytonos e ebaneos baixos, provavelmente, em contra-canto, secundados pelo agudo timbre de primadonas hottentoticamente callipygeas-boccas escancaradas, dentaduras a alvejar deslumbrantes, tudo a urrar alguma *aubade* suave da terra de Arles ou algum *virelai* mavioso do paiz de Vienne? Que sairia dali, manes do arroubado e mimoso Raimband de Vaqueiras, da respeitavel e inspirada dama Guillelma!? Empolgado pelo ambiente, não se teria antes deixado o maestro marselhez levar ás cadencias e rythmos exoticos dos seus regidos de além Atlantico, renunciando a uma adaptação musicalmente teratologica? E não estaria, no fim de algum tempo, subordinado á exactidão chronometrica do compasso marcado pelo urucungo e o synchronismo do recoreco estridulo, contramarcado pelo bamboleio dos quadris e o saracoteio das omoplatas?

Estamos, porém, a nos perder no desconchavado de hypotheses desapoderadas... Nada, absolutamente nada, deixou Pyrard de Laval que nos induza á menor supposição sobre os aspectos hybridos afro-europeus da banda de musica do senhor de engenho, opulento e truculento, a quem, em Angola, havia o gentio vencido respeitosamente chamado *Mangue la bote...*

Foi pena...

Queria o potentado tomar o navegante como seu feitor; pagava-lhe cem escudos de ordenado e despesas. Receioso, recusou Pyrard, pobre que vê muita esmola, a magnificente offerta. De bom grado teria acceito a proposta. O mal é que quando a gente se prende a elles e depois quer largar não consentem nisto.

A não ser a allusão até certo ponto extensa de Pyrard de Laval sobre a nossa arte musical antiga muito pouco poderiamos ao leitor apontar nos documentos do seculo XVII. Entre outros, muito escassos aliás, o depoimento dos dois capuchinhos frei Miguel Angelo de Gattina e frei Dyonisio de Carli passados por Pernambuco em 1666.

De uma procissão de Olinda referem os bons missionarios que a musica de harpas, clarins e violinos do acompanhamento de uma procissão lhes pareceu esplendida.

Não menos agradavel o concerto de clarins que diariamente se executava a bordo de todos os navios ancorados no porto de Recife, matinalmente e em unisono.

Acerca da musica em S. Paulo do seculo XVII, escrevemos umas tantas considerações em nossa "Historia seiscentista da villa de S. Paulo". Mostrámos que pelo menos, desde 1657 tinha a villa mestre de capella em sua matriz, o que implica certamente a existencia de um côro, embora desacompanhado de orgão ou realejo e quiçá apenas apoiado por alguma harpa ou cythara.

Nos inventarios seiscentistas algumas referencias encontramos sobre as cousas da arte euterpica. Assim, por exemplo, deixou Catharina d'Orta em 1626 uma guitarra.

Em 1632 surge-nos uma "sitra" no inventario de Francisco de Leão. Nesta cythara provavelmente cantaria o seu proprietario as maguas de sua nostalgia ultramarina. Avaliaram-na em pataca e meia ou sejam quatrocentos e oitenta reis.

Longos annos decorreram sem que nos inventarios apparecessem referencias a instrumentos musicaes.

Em 1688 surge uma certa viola, avaliada em dois mil reis, preço enorme para o tempo. E, caso curioso, esta guitarra pertenceu a um dos mais notaveis bandeirantes do seculo XVII: Sebastião Paes de Barros.

Teria acaso o sertanista levado o seu heptacordio para as suas enormes jornadas de selva, de exploração do Tocantins, por exemplo? E que seria ella alguma "banza" ou "viola de amor" ou ainda "viola franceza", com a sua caixa lemniscatica em forma de oito?

E' o que o inventario não menciona.

(*Cont. á pg.* 26)

SE VOCÊ SOUBESSE

SABBADO. Rogerio não se deteve na cidade como sempre, após o trabalho. Dezoito horas. Comprara um jornal da tarde e seguira incontinenti, para a casa. Não tinha tempo a perder. Precisava esperal-a ás vinte horas. Já estava com saudades, umas saudades muito doces, mas que machucavam de golpe o seu coração. Tentára esquecel-a. Inutilmente.

Rogerio era um homem de trinta annos, forte, bom, que sabia se esgrimir com a Vida. Vencendo. Fizera o seu mundo. O seu "eu" era temperado pela lucta continua. A sua imaginação sadia raramente se enveredára pelos suaves mysterios do "pays du tendre". E eis que de um momento para outro se vira a braços com uma paixão. Amava. Uma mulher? Não. Uma voz. Uma voz de timbre amavel e expressão sombria. Ella lhe trouxera da provincia, atravéz de uma irradiação radiotelephonica, envolta nas ondas sonoras attrahidas pelas antennas alevantadas sobre a varanda de sua casa, a emoção inquieta de quem acha qualquer coisa necessaria, indispensavel ao nosso bom egoismo ou á nossa felicidade. Fôra um acaso. E desde então ninguem mais ouviu o rapaz se jactanciar da perfeição do seu apparelho de radio "um dos unicos" a "pegar" com nitidez as estações de Buenos Aires e de New York. Nunca mais. Para o prazer delle, Rogerio, bastavam aquellas irradiações nocturnas, ingenuas e provincianas. E toda a sua alma forte fremia num fremito de chamma ao ouvir a voz pausada de um speaker dilettante annunciar com emphase: "A seguir, a senhorita Eleonora se fará ouvir na canção "Se você soubesse"...

Rogerio se immobilizava. Se estava em palestra com amigos, a conversa morria logo. Se estava só, cerrava os olhos e se entregava todo á torturante delicia daquelle sonho.

Eleonora!

Como seria ella? Loura? Morena? Morena, quem sabe? Talvez uma paulistinha de sorriso brejeiro e olhos pesados de ternuras. E emotiva. Cantava com uma expressão de quem esbanja alma na voz. Perdularia! Tinha ciumes. Mas não. Talvez elle se equivocasse. Justamente essas criaturas apaixonadas, que põem a sua alma na voz. Perdularia! Tinha ciumes. Mas não. Talvez elle se equivocasse. Justamente essas criaturas apaixonadas, que põem a sua alma numa interpretação artistica ou numa expansão intellectual, são essencialmente retrahidas. Era isso. Eleonora devia ser uma sonhadora incomprehendida, fechada entre as quatro paredes do seu coração. Por certo nunca amara. Juraria! Havia no timbre da sua voz dolente, um mal incontido arrojo de ave sem ninho. Eleonora!

O "speaker" falava: "A nossa irradiação de hoje está terminada. Terça-feira, a pedido de um nosso ouvinte da capital, a senhora Eleonora cantará diversos numeros novos. Cantará tambem a canção que lhe tem trazido tanto successo: "Se você soubesse"..."

*

Rogerio temia confessar a verdade a si mesmo. E inconscientemente, sonhava durante toda a semana, com aquella promessa radiosa: "Terça-feira".

*

Durante um anno Rogerio seguiu o rasto harmonioso da voz de Eleonora. Já lhe conhecia todas as *nuances*. Descobrira nova expressões, novos refinamentos no estylo, uma certa tendencia para as interpretações regionaes feitas de rythmos maguados. E através dos varios coloridos da voz de Eleonora, Rogerio "comprehendia" a sua alegria maliciosa, os seus momentos de "spleen", as suas exaltações affectivas, as suas garotices rebeldes. Sugestão. Lago dormente emmoldurado de sombras, idealismo apunhalado de renuncias, ousadia de azas sedentas de azul, insensibilidades mórbidas disfarçando gritos e fremitos. Rogerio "comprehendia" plenamente todas as variações chocantes daquella voz — vibração, alma, sentimento.

*

Durante dois longos mezes Rogerio não ouviu aquella voz "de timbre amavel e expressão sombria". Teve impetos de tomar informações, escrever uma carta para a "posta restante" da cidadezinha encantada, endereçada "áquella ingrata que jurára tortural-o".

Depois cahia em si. Raciocinava: "Sejamos justos. Estou procedendo como uma creança. Nada de devaneios inuteis. Sinto, ou melhor, a minha alma sente uma poderosa attracção para essa pequena. Sou livre. Irei vel-a. E' uma senhorita. Naturalmente livre como eu. Se for designio do destino que se cumpra. Se a desillusão me armar uma emboscada, devo culpar apenas os impulsos do meu coração. Talvez..."

Justamente naquella noite, o "speaker" inexperiente annunciou: "Devido a insistentes pedidos, na proxima quarta-feira a senhorita Eleonora cantará ao nosso microphone, etc."

*

Quarta-feira. Na sala de espera onde Rogerio impaciente folheava uma revista, entrou um senhor já idoso, olhos de myope, sorriso dubio.

— Desejava falar ao director...

— Ao seu dispor.

— Perdôe-me a liberdade... Poderei obter da sua complacencia uma pequena informação?

— Duas, senhor. Pelo que vejo não é do lugar?

— Acabo de chegar da capital.

— Ah! sim? Queira perguntar...

— Em poucas palavras; póde me dar o endereço de uma jovem Eleonora que toma parte hoje, no programma desta estação?

O director não conseguiu disfarçar um movimento de desagrado.

— Posso saber o motivo que o faz pretender de mim essa informação?

— Motivo nenhum.

— Explique-se.

— Poderia forjar uma mentira. Prefiro calar-me.

— Nesse caso, não insista. Não posso dar a informação pedida.

Nessa mesma noite, ainda no hotel da cidade provinciana, Rogerio recebeu a carta que deslindou o mysterio daquella recusa.

"Caro senhor.

Após a sua partida reflecti melhor e resolvi escrever-lhe dando as informações (mesmo as não solicitadas) a respeito da jovem que tantas vezes contribuiu para o brilho das nossas irradiações modestas. Trata-se da senhorita Eleonora. Não seria o senhor, por ventura, o nosso constante ouvinte da capital que, tão a miudo, insistia para que ella tomasse parte nos nossos programmas? Sempre pensei que devia se tratar de um enamorado. Coisas de coração verde... Perdôe-me. Louvo o seu bom gosto. A pequena Eleonora era a nossa melhor voz. Era uma paulistana de boa familia, boa alma, senhora de um rosto encantador. Devido á fragilidade da sua saude procurou a excepcional amenidade do nosso clima. E gentilmente tomava parte nos nossos saráus, concertos e festivaes, enchendo todos os vacuos com a harmonia dolente da sua voz privilegiada... Através das nossas irradiações, tornou-se conhecidissima nos meios artisticos da capital. E os pedidos insistentes provavam o seu successo. Gravou discos para diversas fabricas. Mas a arte fel-a olvidar a sua fraqueza. Que mais poderei adiantar, senhor? A verdade tem de ser dita. Um golpe para o seu enthusiasmo? Enthusiasmo? Sabe-se lá o que se esconde nos arcanos de um coração! A phrase é archaica. Mas verdadeira. Terminemos. Friamente. Eleonora falleceu ha dois mezes. E não resolvemos a dar essa noticia dolorosa aos seus admiradores distantes. Porque? De nada valeria. Uma illusão bonita nunca é demais. Ultimamente, temos irradiado os discos das canções que marcaram o seu ephemero triumpho. Termino pedindo que, como cavalheiro que é, não nos comprometta."

*

Rogerio leu. Releu. Do alto fallante de um apparelho de radio installado no "hall" do hotel, ouvia-se a voz sonora do "speaker" annunciar pausadamente:

"Ouvirão a seguir a senhorita Eleonora na canção: "Se você soubesse"...

*

O homem forte não chora. Felizes das mulheres...

DULCE AMARA

ESPIRITISMO

Eu tive uma namorada
linda, se chamava Iná
e morreu. Pobre! Morreu...
Si eu fosse espirita havia
de chorar tristinho a morte
dela. Havia de chorar
só por causa de pensar
que, morrendo, não morreu;
não morreu, pois vive ainda
a vida instavel do espaço.

Ai que tristeza, meu Deus!
Quantos tropeços na vida,
na vida instavel do espaço!
Quem morre, morre. Mas não
é mais que nem de primeiro,
de primeiro que, morrendo,
se morria de verdade.

Ai que tristeza, meu Deus!
Tristeza principalmente
para quem fica. Quem morre,
morre: não sofre nem sente.
Si nunca veiu protesto
deve ser bom, deve ser...

Ai que tristeza, meu Deus!
Tristeza principalmente
que vem da gente pensar
que não carece chorar,
pois ninguem morre na morte...

Mario de Andrade me ajeita
um jeito bom de fazer
versos. Porque não me ajeita
um jeito bom de morrer?
E' dificil, eu sei, é
dificil. Principalmente
quando quem morre não é
a gente: é o amor da gente...

Minha namorada linda
se chamava Iná. Morreu.
Pobre namorada linda!
Morreu... Tristeza, meu Deus!...

EDUARDO SIMÕES

Grupo de convidados e populares no dia da inauguração da Casa Nogueira, filial da Casa Porcelana, no Largo de São Francisco.

(Cont. da pg. 23)

Umas outras violas mostram-se nos autos de inventario e no testamento de Affonso Dias de Macedo em 1703, personagem que, segundo parece, deve ter tido notavel melophilia, a menos até que não haja sido melomano.

Em suas ultimas vontades affirmava muito especialmente "que tinha umas violas de pinho do reino".

Cravos, espinhetas ou quaesquer outros ancestres de nossos pianos, estes só o seculo XIX os veria em S. Paulo, graças aos obices da formidavel barreira serrana de Paranapiacaba.

Que se cantaria em S. Paulo seiscentista e setecentista? Certamente as xacaras e descantes portuguezes já modificados pelas influencias rythmicas africanas. Mas, nem um só documento subsiste, ao que saibamos, de taes composições! Nem uma só lauda de musica escripta!

Da existencia de corporações musicaes dá-nos um inventario ou antes, um testamento, o testemunho da insperada existencia.

Não em S. Paulo, como era de suppor e sim no interior da Capitania, á fimbria do sertão, em Itú!

Que seria este orpheon, esta charanga, esta banda de musica? Que instrumentos nella figurariam? Alguma flautinha, gaita ou trombeta, abafados pela tonitruancia dos tambores?

Pois longe se estava ainda da época em que surgiria a clangorosidade ensurdecedora desses formidolosos metaes, dos saxophones, trombones e ophicilides invenções rumorosas de Adolpho Saxe e seus imitadores. Caros aos tympanos do populacho, asperos, e por educar, e filhos do seculo XIX rehabilitados seriam pelo emprego dos grandes effeitos orchestraes de Berlioz e de Wagner...

E qual o precursor destes nossos modernos mestres de banda, generosa e universalmente condecorados, em nosso paiz todo, com a terça parte da arroubada e ultra conhecida invocação dantesca, de submisso preito, de reverencia e acatamento ao merito, com o altisonante titulo de *maestro?* Parece-nos que, no nosso planalto o ituano Antonio Machado do Passo, testante de 1704, morto da vida presente em 1715 e inventariado na villa de Nossa Senhora da Candelaria a 24 de maio deste millesimo.

Era um melomano este prógono dos nossos maestros e organisava um corpo de musicos a quem pagava porque provavelmente o levava aos officios cantados nesta e naquella capella de fazendeiros potentados.

E, mais, tinha discipulos de solfa a quem inculcava as bellezas da sua arte.

Assim, ao morrer, recordava que a dois meninos de Cornelio Rodrigues de Arzão "ensinava as suas musicas".

O pai dos dois jovens amadores jamais lhe pagara os dezeseis mil e oitocentos reis que lhe ficara a dever de taes lições!

Certo Carlos de Moraes contractara os seus serviços e os dos seus musicos para uma missa do Senhor Bom Jesus e ainda o prejudicara no liquidar de contas de 440 reis!

Mas elle proprio, Antonio Machado do Paço, não tinha bastante certeza do perfeito ajuste de suas contas.

Não fôra isto e certamente no seu codicillo não teriamos os seguintes itens: "Peço pelo amor de Deus a todos os senhores musicos que têm cantado commigo, assim compadres como amigos e parentes, que acharem que lhes devo alguma cousa da musica peçam a meus testamenteiros e senão me perdoem pelo amor de Deus".

Devia, como vemos, reinar entre esta confraria de amigos, compadres e parentes, real fraternidade ao que parece, a da tolerancia existente, de todo o sempre entre as pobres e divinas cigarras de quem tanto maldizem as mesquinhas formigas.

Affonso d'Escragnolle Taunay

(De um livro o sair)

(Cont. da pg. 19)

de Montmartre e no desvario do jogo, em Nice e Monte-Carlo. Depois, arruinado, desilludido, ingressou na Legião Extrangeira. E ninguem mais soube do seu destino.

Mas, naquella noite de Natal, elle prometteu a Mary Lina que voltaria em breve. E ella não ousava duvidar da promessa daquelle que era, aos seus olhos, o Perfeito. Sim, elle havia de voltar...

E quando vinha o Natal e na sua casa solarenga renovava-se a festa tradicional, a moça costumava deixar os salões resplendentes para demorar-se no recanto do jardim, illuminado de lanternas chinezas... E alli ficava sonhando com aquelle outro Papá Noel que lhe trouxera um dia o mais querido presente de sua vida. Já se tinham passado cinco annos. Cinco vezes, aquelle jardim se illuminara para a festa symbolica. Mas, nunca mais o rumor de um novo beijo foi unir-se ao mysterioso murmurio do repuxo...

João Fayal havia de vir... E, com a mesma fé ardente com que, nos tempos de menina, Mary Lina esperava o retorno do Papá Noel, com um novo carregamento de brinquedos, ella esperava agora que um Natal mais bello lhe trouxesse aquelle outro Papá Noel que desapparecera, após lhe ter feito a mais deliciosa offerta.

João Fayal não voltou... E a pobre da Mary Lina, que não casou, hoje se dedica aos filhos do seu irmão Jorge. E quando vem o Natal, ella escolhe os mais bonitos brinquedos do mundo e offerece aos seus pequeninos sobrinhos, em nome e por encommenda de Papá Noel... E, ao vel-os tão felizes, tão deslumbrados com os seus presentes novos, uma sombra triste vela os seus olhos ainda bellos. Só ella, naquelle dia, não recebe o presente que não desiste de esperar... Só o seu Papá Noel dos sonhos de moça, não sabe, não quer voltar...

Correspondencia dos leitores

O "coupon" acima deverá acompanhar *cada correspondencia*, que não poderá exceder de *60 palavras*. Não se permittirá a publicação de mais de *tres* correspondencias assignadas por um mesmo leitor. A redacção entregará as cartas destinadas a seus leitores, mas sómente as que venham *pelo correio*.

DO MEU DIARIO

(Recordações do Natal)

I

... E puz no meu amor toda a dedicação, affecto e sinceridade das minhas verdes primaveras... O teu amor veio não como uma luz para arrancar-me das trevas, mas da alegria em que vivia para atirar-me á tristeza. Comtudo, vês? não pareço triste, porque o Senhor, que é Divino, me deu a dolorosa ventura de

II

sorrir para as dôres... Antes de te ver, julguei, quasi com certeza, que amava o meu futuro noivo, á força de tanto elle me amar...

Mas ao ver-te no primeiro instante em que teus olhos me falaram de amor, senti que só então o amor accordava em meu coração... Tú soubestes corresponder ao meu amor... mas...

III

Natal!... Estamos na noite do Natal... um anno e eu tinha-te ao meu lado, lindo e amoroso naquella deliciosa noite... Eis que chega o primeiro natal do nosso amor, e tão separados estamos... e o nosso destino é tão indeciso... Por que este capricho?... Capricho!... Antes fôra um capricho, meu Deus!

IV

Mas ha o impossivel dos destinos entre nós. Impossivel! Tambem não póde existir! Essa palavra, que vibra como o soluço angustioso de um agonisante dentro de mim, não deve existir para os que amam!

Mas os nossos corações altivos, nossas almas philauciosas sobrepujam ao nosso amor.

E tenho saudades do nosso amor naquella noite de Natal... — *Annita.*

DIVAGAÇÃO

(A quem me entende)

I

Uma doce tarde! Hora em que a tarde expirava, ao ultimo beijo do Sol! Hora languida em que agonisava Phebo! Hora de luz silenciosa. Hora fascinante no pensamento e na alma do poeta. E' a hora em que mais se sente a saudade, porque faz estremecer a alma ao ouvir o tanger de um sino!

II

E' a hora da Ave-Maria!
Hora em que o conheci...

....

Um olhar fugaz inspirou a minh'alma. Foi um olhar de ardor que fez dardejar um sonho e fez brotarem na alma mil esperanças. Foi um olhar longo, intenso, profundo, o principio de uma paixão, o prologo de um forte amor e o primeiro acto de um drama.

III

Ambos tivemos uma commoção unica. Qualquer cousa de phosphorescencia, de luminoso e de celestial, se apoderou da nosso alma. A'quelle olhar, lançado sobre mim repentinamente debaixo daquelle arvoredo, os nossos corações palpitaram sem querer, e as nossas almas se comprehenderam sem falar.

IV

Amámos. Mas foi breve o nosso amor. Foi breve como o sonho azul, breve como o vento, breve como uma transformação de uma nuvem, breve como o correr de um rio, breve como um raio, breve como um suspiro. Deixámo-nos sem um motivo. Dissemos um adeus sem saber como!

VI

Nosso adeus foi talvez por causa de sermos muito constantes, porque não havia motivo algum para interromper o nosso amor. No dia em que dissémos adeus, era uma tarde sem sol, tetrica e quasi chuvosa. Dissémos adeus com um amargor infinito, com uma saudade pungente, com um sorriso que se assemelhava a um choro.

VII

Não nos falámos mais: só os nossos olhares se encontram e os nossos corações palpitam, são as nossas almas que se falam cheias de uma grande dor.

Foi por uma grande inveja que nos deixamos dominar. — *Junior*

QUESTIONARIO

I

O traço predominante do meu caracter: a confiança na protecção Divina, que tarda mas não falha.

O typo e qualidade que admiro no homem: a energia como qualidade capital, o dotado de intelligencia lucida e caracter recto, circumspecto, attencioso sem ser amavel por galanteria.

II

O typo deve ser alto, corpulento, claro, cabellos negros, olhos da mesma côr e expressivos, bocca pequena e sorriso breve.

Na mulher: como dote, a sensata, modesta, altiva e culta; como typo, a baixa, magra, de cabellos e olhos escuros, mais graciosa que elegante.

III

Os meus escriptores e poetas predilectos: C. Netto, Camillo, Herculano, V. Carvalho, Guilherme de Almeida.

O meu ideal: vencer pelo amor um capricho de amor. O que mais aprecio: musica, flores e a leitura. — *Caprichosa.*

RESQUICIOS

Vês? A natureza tingiu de um verde vivo todo aquelle mattagal. Um coqueiro parece espiar, lá do alto, a tenuidade dum regato a serpejar por entre os pés do arvoredo. Cantarolante. A baralhar-se na orchestração do passaredo. Viste? Foi num dia assim que vieste engalanar minha alma com o primeiro sonho, a primeira saudade que eu chorei na vida. — *Albatrós.*

DE SONHADOR DESILLUDIDO

A's gentis amiguinhas e demais collaboradores, desejo Bôas Festas e felicidades no decorrer do Novo Anno. Julia: — Procure carta na Redacção. Collar de Perolas: — Saberei honrar o teu affecto. Alma ertaneja: — ...e se fôsse só Sonhador, seria... um sonho? Fata Morgana: — E' uma honra para mim. Comprometto-me a desmentir as affirmações de Rei Arthur. Escreva-me, sim?

BEN-HUR AVISA...

Que devido o seu estado de saúde fóra da lei, deixou de collaborar durante trez quinzenas. Mas hoje, restabelecido, volta ás columnas desta. Grato.

Tambem deseja feliz Natal e Anno Novo a todos os collaboradores e collaboradoras desta e á digna Directoria.

RESPONDENDO

I

Madeixas de Ouro: — Obrigadissima e retribúo o mesmo com ardentes desejos para o decorrer do 932. Felicidade: — Ha muito que almejo tua preciosa amizade. E hoje sinto-me orgulhoso em possuir. Cigarra Bohemia: — Disponha e retribúo o aperto de mão. Indiscreta: — A doença foi a causa principal para não te responder antes. Acceite e disponha do "Morro pela defesa de minha honra".

II

Angoulême: — De nada disponha.

Meiga Flavita: — Idem; idem. Duas Sonhadoras: — Idem, idem. Madame Satan: — De Satan é só o "pseu, eu sei que você de intimo é distinctissima. Estás descrente do convivio masculino, deves conformar-te com o peso. Pois o pae nosso assim nos descreve a vida. Satan ainda esperas o que te fiz offerta? Ainda é tempo.

III

Poupée: — Perdão, mas você deve comprehender que eu sou de circo. Deixemos o passado e pensamos no futuro. E acceite a esphera de amizade deste que adora "pseus" assim como o seu e mulheres assim como você. Escreva-me algumas linhas para a Redacão, afim de que eu possa expôr trechos doridos de minha vida a você. E pedindo tambem que me guie no caminho da desventura e da illusão. — *Ben-Hur*

CACETADAS

Cléo, moi-même: — Ao tempo que perdes em te envolveres na vida de um assim como eu. Pede autorização e permissão para poderes fazer uso. Desculpa o geito mas commigo é assim muchacho. Caçador: — Você procurou, ou estava achando para procurar. Piloto: — Virou sorvete. Com dous "pseus" e tudo. Bicho só você mesmo. Coração Aviador: — Sempre na luta conforme és sabedor. Acceita um abraço do teu amigo. — *Ben-Hur*

RESPONDENDO

Salim Simão: — Enquanto fôr de quatro a zero não é nada. Mas se o gajo é fraco de idéa você sabe o fim. Maramonys: — Yes thanck you. Escravo Liberto: — A's ordens, distincto cavalheiro. Silencioso: — Tens um pouco de razão. E's apoiado pela parte fraca. Cow Boy: — Caro collega, és digno de censurar-me, mas se chegares a conhecer a minha vida. Dizes que eu tenho razão. Considere-me no rol de teus amigos. — *Ben-Hur*

AOS ESTREANTES

Nick Carter, Poeta Bahiano, Gordon Swyer, acceitem o que eu posso dispôr, é a franca e leal amizade. Disponham.

Moema: — Teu "pseu" faz-me recordar de trechos terminados para o calendario de minha vida. Queres orgulhar-me com tua preciosa amizade. Grato — *Ben-Hur*

DE IGNEZITA, PARA...

Menrios: — Meu grande amigo! Profundamente agradeço tuas confortadoras palavras. Você é tão optimista que eu resolvi tentar imitar-te. Piloto Mysterioso: — Sumiu? Alma Léda: — Ha sempre em meus escriptos um lugarzinho reservado para você. Para você... de quem eu gosto tanto!

— A' CIGARRA, e a todos os amiguinhos e amiguinhas, desejo infinitas felicidades no decorrer do Anno Novo.

PRIMEROSE

Eu creio apenas na illusão. E ella nos engana tanto, que nos faz crêr no amôr...

Mas, na realidade elle não existe, nunca existiu...

O amôr devia superar tudo... Devia lutar contra todos os obstaculos, vencer todos os impossiveis.

E, pense bem: accaso haverá quem ame até o sacrificio, com um amôr unico, com um amôr-amôr?

E' impossivel... inacreditavel!

E por isso, eu creio apenas na illusão. — *Ignezita*

CONSELHEIRO DO AMOR

I

Folheando antigos n.os da CIGARRA deparei com algumas de suas formosissimas collaborações no n.º 371, as quaes tiveram o dom de accender maior ainda, a chamma de admirção que por si consagro. Foi nesse numero que comprehendi cheio, de enlevo e respeito, a espinhosa e ardua tarefa que propuzestes a cumprir: reconciliar os corações desenganados e illudidos, indicando-lhes o verdadeiro caminho do amor.

II

O seu sublime proposito transformou-o em um Anjo de Paz, consagrando-o como um novo Messias de bondade e amor, que não encontra impecilhos em levar aos illudidos e apaixonados, o conforto da mais pura das religiões; a Religião do Amor.

Acceite, Conselheiro do Amor, desinteressado e humilde preito de admiração do impetuoso, mas sincero. — *Sublime Amor*

AOS MUITO DIGNOS LEITORES E LEITORAS EM GERAL

Felicita-vos pela entrada do Anno-Novo, desejando-lhes vastas prosperidades no decorrer do anno de 1932. — *Escravo Liberto*

PARA...

I

Flôr de Maio, Alma Léda, Felicidade, Dalvina, Nem queiram saber, Orchidéa, Poupée, Liliana, Nympha, 1830, P. Q. Tita: — Que este anno vos traga as venturas que sonhaes, é o desejo do amiguinho. — *Escravo Liberto*

II

Menrios, Caçador de Esmeraldas, Ben-Hur, Cavalheiro Pardaillan, Conselheiro do Amôr: — Aos muito dignos amigos, mil, são os vots de felicidade que vos deseja o Escravo Liberto, pela magna e sublime entrada do Anno Novo.

III

— A' querida CIGARRA, e distinctiossimos redactores, desejo-lhes feliz sahida e melhor entrada do Anno Novo.

São os votos sinceros do — *Escravo Liberto.*

TUA VOZ...!

Inedito para Cigarra
por COLOMBINA

O telephone não tilinta mais... Calado
E frio, o dia todo, ao meu martyrio assiste;
Nem parece escutar esse desesperado
Clamor, que dentro em mim, por tua vóz insiste.

Tua voz que ficou lá, longe... do outro lado
Da minha vida escura e cada vez mais triste,
Depois daquelle beijo, ardentemente dado,
Depois daquelle adeus, na noite em que partiste.

Tua voz que viéra, alegremente, um dia
Cantar no meu destino uma cantiga louca
De esperança e de amor, que encantada eu ouvia:

Tua voz de ouro e sol, nunca mais a ouvirei,
Foi cantar noutra vida e levar á outra bocca,
Todo o amor que continha o beijo que eu te dei!

DJENANE

Julga ser necessario pedir-me para que lhe responda? E não sabe com que direito ha de chamar-me seu amigo? Sei-o eu. E' com o direito invencivel da amisade de duas almas enluctadas. Almas que aproximando-se uma da outra, conhecem-se e abraçam-se para consolarem uma mesma dor. Adeus. — boa Djénane. Um obrigado triste da minh'alma, ao seu coração bondoso.

PARA...

Meiranita: — Lembra-se de ter-me ha muito tempo offerecido a sua honrosa amisade? Juan Alvarado: — O seu pseudonymo é quasi egual ao meu; não seria conveniente trocal-o? Fernanda: — Então como vamos? E's ainda a Invencivel Deusa da "Cigarra"? Ou esse cerebro de "Sol", já está em franca decrepitude?

FADA MORGANA

Eternamente grato. Se houvesse uma outra palavra que significasse agradecimento e fosse mais vibrante, empregal-a-ia para si. Liliana: — Aquelles a quem a srta. desejou feliciddes para o anno 1932, não poderão ser infelizes? Obrigado, por mim.

ALLEMÃOSINHO

Todas as mulheres são eguaes. Todas teem a mesma alma e amam só d'uma maneira. Nós homens é que amamos de duas formas. Sincera e fingidamente. E' por isso que as cartas recebidas pelo senhor de namoradas suas, são analogas; emquanto que nas do nosso sexo, em poder das mulheres, não ha uma egual á outra... — *Don Alvarado.*

A TODOS

Gisela Angoulême, Cysne, Miss Terio, Ben-Hur, Jorba & Cascudo, e a todos que commigo colaboram nesta querida revista, cumprimento pela passagem e transcorrer do anno novo, desejando muitas felicidades.

Martha Lyrio: Pode ou não, isso depende do estado normal do teu coração. Si tens um coração, forte e alegre, é possivel, mas do contrario é muito difficil. — *Angoulême.*

BOAS FESTAS

Para "A CigSarra" — cumprimento-a pela entrada do Anno Novo e desejo-lhe feliz progresso.

Madeixas de Ouro — Agradeço e retribuo as boas-festas, e que sejas feliz.

Meiga Flavita, Walkiria, Tamoyo e demais collaobradores, almeo feliz Anno Novo. — *Wale-.*

SAÚDE
Notas

Notei no bairro: — A Olga com physionomia de apaixonada; o Carmo em magestoso namoro com

COUSAS...

Para os officiaes, o duello é uma falta; mas é uma falta mais grave se não se batem. Assim succede na galanteria; se exprimimos a uma mulher os nossos desejos, a offendemos; mas a offendemos mais se não a desejamos. — A lua é uma agencia de informações, sempre disposta a dar as respostas que agradam ás suas clientes romanticas. — *Pitigrilli.*

COUSAS...

O amor, nos nossos nervosos tempos, vae ficando um artigo de segunda mão, que não encontra sahida nem nos suburbios; quando encontramos alguem que tem o bom tempo de enamorar-se, seriamente, todos o olham com commiseração, como se tivesse no corpo os graves simptomas de uma molestia completamente fóra de moda. — *Pitigrilli.*

COUSAS...

P. Q. Nita: — Grato pelos bons augurios que me desejas. Esperemos que esses votos se realizem, e então seremos muito felizes, não é?

Condessinha D'Orioles: — Já não somos amigos ha muito tempo?

Escravo Liberto: — Então, Escravo, ainda te lembras de mim? Eu julgava que meu nome já estava no livro dos esquecimentos. Obrigado. Muito obrigado. — *Pitigrilli.*

SÃO MANUEL

O que notei: Zeza tomou o fóra; a falta da Olivia; Clarisse com medo de perdel-o; Tita desiludida; Aracy, não encontra namorado; Silvia, a noiva mais bonita daqui; Walmir, sempre apaixonada; Joaquim, sincero; Oscar, não esquece; Yôyô, anda triste; Dr. Vilela, judiando da pequena; Luiz saudoso; Dr. Waldemar, muito orgulhoso; Dr. Adalberto, esqueceu da noiva; E eu — *Indiscreta.*

PARA

Hindú: — Fiquei admirada com o seu artigo: você é mesmo hindú ou é só o pseu? Sou filha de hindú; responda-me, sim?

Katucha: — acceita-me como companheira? Gosto de litteratura, musica, etc. Telephone-me 7-2789.

Kurti: já arranjou uma amiguinha? Se ainda não candidato-me. Fallo allemão. — *Filha de Brahma.*

A CARTA QUE VOCÊ NÃO ESCREVEU...

Para Roberto

Não éra ironica nem pérfida. Era sincéra. Li-a com tristeza mas, não com desespero. A duvida fére, alucina, mata. A verdade é calma. Fére, muitas vezes mas, não desespéra.

A carta que você não escreveu... Li-a com os olhos d'alma e, talvez por isso, foi a que mais comprehendi... — *Meiranita.*

RESPOSTA A FATA MORGANA

I

Aqui está o joven que quer ser seu companheiro. E' elle, tambem, desafortunado em amores.

Tenho mais ou menos entre 18 e 20 annos, de coração infiel, penso eu, mas não garanto, pois nunca amei; sincero, estatura mais ou menos alta, cabellos e olhos castanhos, porte esbelto, algumas moças me julgam bonito, sympathico, mas orgulhoso, um tanto acanhado na presença

II

dos paes, pirata de agua doce, não saio de casa desde que instituiram a taxa de 20$000 para cada gracejo, patinador, em summa, romantico a 1931.

Penso poder lenir sua alma despedaçada, porquanto a alma — é o Procopio quem disse — é tão pequena que não se vê nem pelo microscopio. Apezar da affirmação do Procopio, procurarei usar a faisca electrica para unir os atomos de sua alma torturada. Aguardo suas ordens. — *João.*

SOROR BEATRIZ

Não sendo eu, uma idiota como você pensou, ao receber sua carta, investiguei, apurando que aquela caligraphia é muito minha conhecida: quando quizer meter-se com a vida alheia... Arranje professor. Deve haver passado máus pedaços, com o senhor seu pae, na noite da telephonema, que sirva-lhe de licção. Seja para o futuro menos "cretina". — *Q. P. Tita.*

ANNIE

Sou candidato a ser seu noivo, sou alto, moreno, cabelos castanhos quasi pretos, tenho apenas 24 annos de idade, bom genio, tenho pretensões a ser ótimo marido e uso oculos. Estou bem colocado e meu ordenado é de 2:000$000 mensaes além de outras rendas, tenho muita força e sou valente. Móro em São Carlos, uma bela cidade. Queira responder para — *Sontroves.*

PARA ALLEMÃOSINHO
(saudades)
(trecho de uma carta de M. W. 31-7-28)

Fiquei pensativa, vendo sumir-se ao longe o teu vulto gentil e adorado, sem a esperança de tornar a ver-te!

Ficaste indelevelmente gravado na pagina de minha vida, como a primeira paisagem que admirei na comprehensão ingenua dos meus primeiros annos.

PARA M. W.
(garota moderna e elegante)

Disseram-me que choraste quando parti! fita... Que mais queres? Fiz comtigo como faço a um cigarro. Accendo-o e depois de algumas tragadas jogo-o fóra!... Fumando-o até o fim, corria o risco de me queimar... — *Allemãosinho.*

RECORDANDO
(16-6-28 — baile no Egypcio da A. E. C.)

Mike! Como estavas linda naquella noite. Quantas saudades e quanto amor desses teus lindos olhos negros. — Depois que voltei da fazenda, soube que tinhas mudado para o Rio e... estavas casada! Daria parte da vida para tornar a vêr-te novamente. Ah, esses teus lindos olhos negros... — *Allemãosinho.*

PINA KONSULE

Quem conhece a srta. acima? reside lá pelo Braz, tem estatura regular, lindos olhos esverdeados e scismadora! Ficarei eternamente grato a quem me der noticias. — *Allemãosinho.*

FLOR DE MAIO

E' a minha flor predilecta, a flor do meu mez. Maio! o mais lindo do anno, mez das flores da alegria, o mez que dá vida e encanto aos outros! Toda vez que leio o seu "pseu" volvem-me as saudades de um Maio de 1929... Perdoa-me a recordação, linda Flor de Maio... — *Allemãosinho.*

OLHOS AZUES

Pronto aqui estou. Sou moreno, tenho bigodinho. Móro na Capital e posso residir onde quizeres.

Pae rico e me faz todas as vontades.

Para provar que sou valente, já dormi um dia na Central... Tenho 22 anos. Quem sabe mais tarde serei digno de ti. Si quizeres me aceitar envia carta para a redação dizendo endereço. Até a vista. — *Malandro.*

ROSARIO
Meu ideal

Uma casa pequena. Um jardim ao lado.

Na frente, a areia branca da praia.

O mar immenso e quieto. O céu, eu, você e o nosso amor. Luar. Um banco tosco. A briza soprando levemente. Branco como a lua, o teu rosto. Teus olhos negros e grandes. Tua bocca pequena, e um beijo...

Do amiguinho — *Rei Vagabundo.*

FELICITANDO

Sinceramente, envio a todos os distinctos collaboradores e distinctas collaboradoras os meus mais elevados agradecimentos, esperando que Deus, para o proximo anno, cubra-vos das melhores felicidades; enchendo-vos de paz e fé, bem como a todos os que vos são caros. — *Conselheiro do Amor.*

LILI OU LILIANA

Sempre amavel; perdoe-me por não retribuir cortezmente o gracioso cartãosinho que me enviou, entretanto, agradeço a homenagem e dignamente envio-lhe todos os santos desejos de felicidade e ventura. Do agradecido e humilde — *Conselheiro do Amor.*

LIA ANDRADE FARIA
Araraquara

A inveja é a mais baixa, degradante das paixões, doença incuravel. Sentimento de loucos, disse Socrates. Representada por um sêr, palido disforme, medita, acusa e calumnia, tenta insidias a quem com sua virtude faz sombra. Assidua companheira de eminente fortuna. Move guerras, semeia suspeitas, destroe o pregio de todos os nobres affectos, boas acções. Comprehendeu-me??? — *Liliana.*

NOIVA DO REGIMENTO

Absolutamente nem um tiquinho zangado comtigo. Estava um pouco nervoso; fui na matinée disfarçar-me. Companhia aborreciame. E' o motivo que não fui ter comtigo. — *Piloto Mysterioso.*

PARA ALGUEM

Amei-te, infelizmente reconheci que não fui digno do teu amor, por isso vou degradar-te do meu coração, e lançar sobre o teu nome a pedra mais pezada do esquecimento.

O amor é como a planta muito delicada: o proprio sól que lhe deu a vida, póde, com o mesmo calor, lhe dar a morte. — *Piloto Mysterioso.*

PILOTO MYSTERIOSO DESPEDE-SE

I

E' cruel a vida dum celibato quando não tem a proteção da divindade sagrada, e assim leva a vida cheia de martyrios, cumprindo talvez o fado da vida.

E' feliz quando tem amiguinhas que o consolam e lhe dão alento para viver mais um instante de vida... Abandonado do consolo das amiguinhas que resta mais na vida?...

II

Retirar-se para paragens desconhecidas onde talvez encontre a fada dos meus dias. E assim apresento aos amiguinhos e amiguinhas as minhas despedidas. Retiro-me mas deixo um secretario para dar respostas a mim dirigidas. — *Piloto Mysterioso.*

A' ESTRELLA CADENTE

Antes de mais nada, agradeço com todas as véras de minh'alma as palavras de elogios que escreveste em torno da minha humilde pessoa, palavras essas que não são nada mais nada menos do que filhas da tua excessiva generosidade.

Não és estrella cadente,
E sim, estrella ascendente
No céu da vida a brilhar.
Tu és um astro risonho,
Luzindo para o meu sonho,
Nas trevas do meu penar...

Dize-me quem és, e eu te revelarei o segredo do meu coração. — *De Paula Madia.*

BARIRI
A alguem

Não sei porque... gosto muito de você.

Você é bom, você é bonito e fala tanta coisa linda quando conversa comigo, que, depois quando você sai e vai longe, eu penso: si fosse feio e mau, ninguem gostaria dele e eu... viveria feliz.

Não sei porque... mesmo assim gosto muito de você. — *Méca.*

S. MANOEL, 13-12-931

Leilão: — Quanto me dão pelo pedantismo das Padovani? pelo sapequismo da Silveira A. e a Menochi? pelo assanhamento da Zelma, pelos freges das Borges na Escola? pelas pinturas das Badins? pelo orgulho da Rafanellis? pelo enjoamento das Rosseto? pelos cabellos da Antonieta? pelo nariz da Cidú L.? pelo convencimento da Zéza dos moços se apaixonarem por ella? pelo andar de Aidée? — *Bailarino de Aluguel.*

KURTE

Quer uma amiga?... Veja se estou em condições.

16 annos, morena, 1m,57, cabellos castanhos e assanhados. Normalista do 2.° com um pé no 3.° Não gosto de festas. Nunca tive amores ainda que esteja na idade sentimental. Sou alegre (jamais quiz me suicidar), estou disposta a fazel-o esquecer essa "outra" e aprecio o "Made in Germany" Good bye. — *Liniu.*

ESPERANÇOSO

Com 23 annos, 1m,55, cabellos castanhos e ondulados, olhos castanhos tambem, bocca pequena, ainda não arranjei um noivo. Por isso, você, Esperançoso me vae ás maravilhas, gosto que não seja bonito (economisa-me ciume). Se lhe agradar... — *Esperançosa.*

FOFO' BOLONHA

Enorme foi a minha alegria, ao ver que mereci a atenção, de tão digno colaborador.

Mil vezes grata pela breve resposta, oferto-lhe minha amizade, queres aceital-a? Não és a pessôa que julguei, mas mesmo assim creio que seremos bons amiguinhos. Como tu, eu tambem aprecio todo bom divertimento, sou jovial e entusiasta! Dedico-me atualmente á "patinação". — *Condessinha D'Orioles.*

ATENÇÃO LEITORAS!...

Estou a procura de uma noivinha que seja loira, cabelos á ventania, boquinha rubra, olhos claros e amadora de toda especie de divertimento.

Isto tudo para que a procurada esteja na regra de ser uma garota moderna. Si houver alguma leitora nessas condições, querendo, poderá ter correspondencia por meio d'"A Cigarra" com o — *Noivinho Exigente.*

COUSAS...

A vós, lindas collaboradoras, que encheis de alegria estas bellas paginas, que pizaes levemente e elegantemente em todos os corações masculinos, que brincaes de "esconde-esconde" com o amor, acceitae, deste vosso simples e insupportavel amigo, as bôas festas, e os augurios de um feliz e auspicioso anno novo. — *Piligrilli*

a E.; o Primo em franca amizade amorosa com a L.; a Rosa voltou no mesmo ninho de amor; o R. conquistou o coraçãozinho da Elvira; o Aldo em vesperas de uma declaração. Por hoje é só. A todos lembranças e abraços da — *Meiga Jordana.*

SAÚDE
A alguem...

E's para mim aquella que almejo: — Longe, e pensando em ti, parece-me — Ver-te, com o teu sorriso de um anjo — Inspirador!... pois te amo com fervor!... e... — Rogo-te, não me repillas!... não sejas ingrata!!! — Amo-te!... verdadeiramente, amo-te!!!... — *Alves.*

PARA HINDÚ

Como é delicioso sentir-se a gente transportada, por tão expressivas palavras, ao paiz encantado de sua phantasia. E como eu quizera poder estar sempre nesse reino de sonhos, onde tudo nos é possivel, desde que venha de nossa imaginação. Poder a gente, pelas douradas manhans, arrimar-se ás columnas de marmore e oiro, e alli apreciar, absorta, o ultimo

II

adeus das estrellas e o lento nascer do sól. E á tarde ir debruçar-se á borda dos lagos e vêr reflectida, nelles, a magica luz do poente, cortada, de quando em vez, pelo suave perpassar dos cysnes... Tudo isso, e muito mais que nem se ousa dizer e até se receia sonhar, eu vejo nas suas palavras — pequeninos e

III

reluzentes espelhos — que me sabem mostrar, na sua reflexão, paragem longinquas e sonhos distantes... — *Satania.*

PARA ALLEMÃOSINHO

Como me foi aprazivel lêr o seu recado. Os meus escriptos lhe agradam! Eu me sentiria feliz se elles sempre lhe pudessem agradar. Não por vaidade, mas sim por receio de que os seus olhos, um dia passem por elles, cheios de indifferentismo, desse indifferentismo que nós, mulheres, não sabemos supportar. — *Satania.*

ANNIE

Eis que, finalmente, o sol raiou! Recebi a sua amavel cartinha. Procure resposta na redacção d'"A Cigarra".

Adeusinho. — *Principe Mysterioso.*

A CARTA QUE EU NÃO ESCREVI...

I

Meiga Princeza:

Dos escombros da dor, fragmentado, sangrando quasi-morto, meu coração lhe perdoa!

Você não teve culpa! Você ignorava, estou certo, o meu estado d'alma... mesmo porque você pensava como Byron que "a amizade é um amor que não tem azas"...

Mas o Destino quiz que as nossas vidas se separassem... Paciencia!

E eu que vivia empre a declamar:

II

"Sê minh'alma á dor um cofre,
Guarda-a avarenta e calada,
Que a delicia de quem soffre
E' soffrer sem dizer nada",

não me contenho em propalar o meu soffrimento, na esperança de encontrar um lenitivo para um mal que não tem cura!

Minha ex-Princeza, um favor.
Quererá faze-lo?
Então ouça:

III

Ao gargalhar estridulo da sua loira felicidade não se esqueça de que, na alegria, uma lagrima furtiva, de piedade-recordação, é, ás vezes, a melhor esmola que um coração desgraçado e faminto poderá obter nesta época de Natal!... E você que traz o coração créso de ventura, não soffrerá desfalque, acredito, no seu inestimavel patrimonio...

Eu não lhe quero mal; ao contrario, que seja muito, muitissimo feliz.

Adeus! — Do infelicissimo, *Sonhador.*

ALLEMÃOSINHO

Deparando com seu artigo no n.º 409 da cigarra, interessou-me bastante porque fiquei sabendo que eu era differente das 80 mulheres do teu cartel. Estou prompta a escrever-te uma carta differente das outras; aliás... do teu cartel. Primeiro quero que saibas, que não canto nem conto historia. — *Differente das Outras.*

PARA...

Rosario, Miss-Terio, Poupée, Primavera e Liliana, — cujos escriptos são reflexos de intelligencias de escól, — esta modestissima flôr, colhida, amorosamente, nos mysticos jardins da Vida:

"O amor é o vinho capitoso com que se embriagam os deuses. — E os deuses, — ironicos ou vingativos ante a ambição dos humanos de participar dos seus prazeres, — põem, ás vezes, ao nosso alcance, um calice transbordante do delicioso licor...

...e nós, — pobres creaturas, — ignoramos que aquella não é uma bebida para ser sorvida até á ultima gôta...

...essa ultima gôta amarga, travosa, — com resaibos de fél e sangue, — que a sabedoria ensina a deixar em repouso no fundo dos copos... — *Hindú.*

DALVINA

Oh! Wonia, quanto me confortou a vossa linda resposta.

A minha gratidão, querida amiguinha, é por demais pequenina, para agradecer-vos a altura de vossa incomparavel bondade.

Um osculo de admiração e gratidão do rude — *Escravo Liberto.*

FERNANDO

Optimo o noivinho que eu esperava com tanta paciencia. (Desculpe a intimidade.) Então gostas de banho de mar? Espero que te agrade muito este logar, nas horas que penso não serem perdidas.

Espero tua chegada.

A noivinha que te quer muito — *Mme. Satan.*

A' JOSEPHINA BENINTENDI

Desejo-vos boas festas, e que o anno de 1932, seja repleto de felicidades em companhia de todos aquelles que te estimam. Da amiguinha e afilhada — *Myrtilla.*

ALLEMÃOZINHO

Réalmente noiva, não! O meu pensamento eguala-se ao teu! Desejaria o mesmo, mas julgo que não conseguirei, pois sou bem feia! Desculpando a curiosidade, você é mesmo um allemãozinho? Agradeço os votos de felicidades e retribúo. — *I love you*

Vendedores de jornaes da Noroeste, com séde em Baurú